

s

o

m

S

O

m

centro de acolhimento BOA em Florianópolis

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que nunca mediram esforços para que alcançasse meus sonhos. Muito obrigado por me proporcionarem a realização desse sonho e estarem sempre ao meu lado. Amo vocês.

A minha família, avós, tias, tios, primos que sempre torcem por mim.

As minhas amigas de longa data Fernanda Pimentel, Gabriéla dos Santos, Liana Ribeiro e Paloma Brockveld que ouviram minhas angústias durante esse semestre.

Aos amigos da faculdade Beatriz Tambosi, Beatriz Knabben e Geovane Abreu que me auxiliaram durante esse semestre na realização do presente TCC.

A minha amiga Nadini Dutra, primeira pessoa que me senti a vontade de falar sobre minha sexualidade e que foi minha dupla de projeto durante maior parte dos trabalhos acadêmicos.

Aos professores desta instituição que acreditam na educação como ferramenta transformadora de pessoas e que nos fazem questionar acerca da arquitetura.

A minha orientadora Arlis Buhl Peres pela paciência e motivação ao longo desse semestre. Não tenho palavras para expressar toda minha admiração pela profissional que és.

Ao escritório Jobim Carlevaro + Lopes, pela oportunidade de fazer parte da equipe engrandecendo meu conhecimento.

A toda comunidade LGBTQIA+.

Muito obrigado.

“As pessoas acham que educação é fazer uma faculdade e colocar um diploma debaixo do braço. E isso não é educação. **Educação chama-se acolhimento.** É quando você acolhe as pessoas que estão ao seu lado. Quando você dá oportunidades para outras pessoas.”

Anyky Lima

RESUMO

O presente trabalho apresenta a elaboração de um partido arquitetônico de um Centro de Acolhimento voltado para a comunidade LGBTQIA+, no Monte Serrat em Florianópolis. A proposta surge na necessidade de um equipamento de acolhimento voltado para esses indivíduos em vulnerabilidade social, que busque promover a reestruturação psicológica e a inserção social. Para a realização deste, foram feitas pesquisas sobre a temática, o diagnóstico da área de inserção do projeto e estudos de projetos referenciais. Através das análises, foram lançadas diretrizes para o desenvolvimento da proposta.

Palavras-chave: Arquitetura, Acolhimento, Florianópolis, LGBTQIA+, Monte Serrat.



GLOSSÁRIO LGBTQIA+

LÉSBICAS. mulheres que sentem atração afetivo/sexual pelo mesmo gênero.

GAYS. homens que sentem atração afetivo sexual pelo mesmo gênero.

BISSEXUAIS. homens e mulheres que sentem atração afetivo/sexual pelos gêneros masculino e feminino. As pessoas que sentem atração afetiva/sexual por todos os gêneros se identificam como pansexuais.

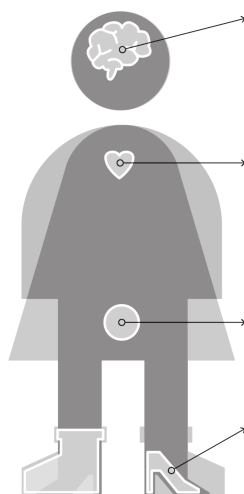
TRANSEXUAIS OU TRANSGÊNEROS. pessoas que se identificam com outro gênero que não aquele atribuído no nascimento, inclusive dentro do espectro não-binário. Trata-se de um conceito relacionado à identidade de gênero e não à orientação sexual/afetiva.

QUEER. pessoas que se auto identificam como gênero queer transitam entre os gêneros feminino e masculino ou em outro(s) gênero(s) no(s) qual(is) o binarismo não se aplica. O termo faz referência à teoria queer, que afirma que orientação sexual e identidade de gênero são o resultado de uma construção social e não de uma funcionalidade biológica.

INTERSEXO. pessoas cujo desenvolvimento sexual corporal - expressado em hormônios, genitais, cromossomos, e/ou outras características biológicas - não se encaixa na norma binária.

ASSEXUAL. pessoas que não sentem atração afetiva e/ou sexual por outras pessoas, independente do gênero.

+ abriga todas as diversas possibilidades de orientação sexual e/ou de identidade de gênero que existam.



IDENTIDADE DE GÊNERO. é como a pessoa se reconhece: mulher, homem ou nenhum deles. Para algumas pessoas, essa identidade corresponde ao sexo biológico: são os cisgêneros. Para outras, não: são os transgêneros.

ORIENTAÇÃO SEXUAL. se refere à sexualidade de pessoas por quem ela sente atração afetivo-sexual. A orientação sexual não é necessariamente relacionada com o gênero. Uma pessoa trans pode ser heterossexual, homossexual ou bissexual.

SEXO BIOLÓGICO. é a classificação como homem, mulher ou intersexual (os hermafroditas) com base na genitália.

PAPEL DE GÊNERO. é o padrão do comportamento masculino e feminino. É como a sociedade espera que homens e mulheres se comportem.

sumário

INTRODUÇÃO

1

- 0 | 1 introdução
- 0 | 1 problemática
- 0 | 2 localização
- 0 | 3 objetivo geral
- 0 | 4 objetivos específicos
- 0 | 5 metodologia

ENVOLVIMENTO

2

- 1 | 2 panorama histórico da mobilidade
- 1 | 2 o surgimento do movimento lgt
- 0 | 3 a trajetória no Brasil
- 2 | 4 fobia e invisibilidade lgt
- 0 | 5 lgt em Florianópolis

ANÁLISE

3

- 3 | 3 a escolha da área
- 2 | 2 o perfil da população do Monte Serrat
- 2 | 3 quem não tem memória não faz história
- 0 | 4 a luta pelos equipamentos comunitários
- 4 | 5 equipamentos assistenciais
- 2 | 6 acessos e transportes
- 3 | 7 transformações recentes
- 4 | 8 o terreno

4

PARTE 4

- 9 | 1 referencial projetil
- 5 | 2 referenciais arquitetônicos
- 8 | 3 programa de necessidades
- 6 | 4 diretrizes
- 6 | 5 evolução proposta
- 6 | 6 partido arquitetônico
- 3 | 7 materialidade e sistema construtivo

5

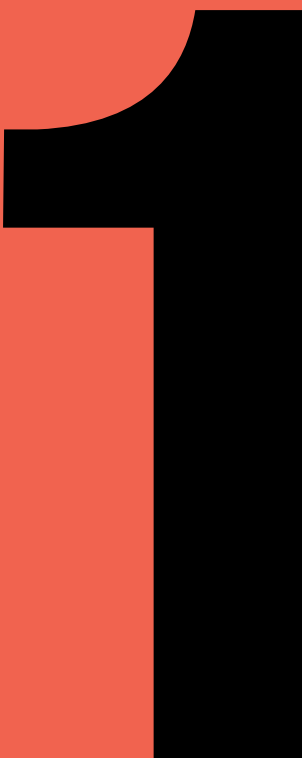
CONSIDERAÇÕES

- 7 | 5 considerações finais

6

REFERÊNCIAS

- 8 | 6 referências



- 1 intodã
- 1 probl enãca
- 2 localizaã
- 3 obj eto gral
- 4 obj etos especficos
- 5 metodol oga

| INTRODUÇÃO

1 introdução

Movimento social é uma forma de se expressar formada por um grupo de indivíduos, de diferentes classes sociais, que defendem, demandam e/ou lutam por uma causa social e política.

Segundo Gohn (2000), estes possuem caráter sociopolítico e são pontuados por lutas, conflitos e contradições, cuja origem está nos problemas de sociedade dividida em classes, com interesses, visões, valores, ideologias e projetos de vida diferenciados.

Com o advento da ditadura militar, entre o final da década de 1970 e início dos anos 1980, ocorreu o surgimento de diferentes grupos sociais formados pelos marginalizados socialmente. Assim, deu-se início ao movimento LGBT no Brasil, inspirados pelos movimentos ocorridos anteriormente na Inglaterra e nos Estados Unidos, que articulavam pela defesa da visibilidade, pela construção de novas formas de conhecimento, de cidadania plena e pela luta por direitos civis.

1.1 problemática

De acordo com a Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp), “ser homofóbico é repudiar, odiar, discriminar, temer, ter aversão a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais” (BRASIL, 2013).

Dentre os inúmeros problemas sociais que precedem uma sociedade, um de caráter específico, que atinge a comunidade LGBTQIA+, é a vulnerabilidade social decorrente da homofobia, problema intrínseco na atual sociedade heteronormativa. Muitas vezes esses são expulsos de casa e/ou encontram-se em situação de rua devido às violências físicas ou psicológicas decorrente da orientação sexual e/ou identidade de gênero.

Apesar da crescente visibilidade midiática e das conquistas da comunidade, a homofobia vem sendo perpetuada. Segundo dados do Dossiê LGBTQIA+, a cada 24 horas, uma pessoa é vítima de LGBTQfobia no Brasil. Os serviços públicos não atendem às demandas de maneiras específicas, tratando das reais necessidades de indivíduos em vulnerabilidade social. Além disso, a maior parte dos abrigos é gerida por instituições religiosas restando poucas opções para a comunidade.

Os números pioram para o LGBTQ negro, que diariamente passa por um dupla luta, cansativa, precisando se autoafirmar gay e negro, devido a uma sociedade racista e LGBTQfóbica.

Desta forma, o presente TCC surge das insuficiências políticas relacionadas às causas LGBTQIA+, partindo do princípio de que a arquitetura não é apenas uma mera prática de edificar, mas sim um catalisador na transformação dos anseios de uma sociedade que gera trocas políticas e sociais por meio de espaços edificados ou não e que possui o poder de transformar a vida de pessoas direta ou indiretamente.

1.2 localização

O recorte selecionado para inserção do projeto localiza-se na parte insular de Florianópolis, na comunidade do Monte Serrat, no Maciço do Morro da Cruz. O terreno de aproximadamente 1430 m², encontra-se entre as ruas General Nestor Passos e General Rosinha, ao lado da antiga Caixa D'água, restaurada recentemente.



figura 01 | Croqui de localização do Monte Serrat com relação ao Morro da Cruz e aos bairros e localidades vizinhas. fonte: Ruchaud, 2018, p.4 alterado pelo autor



figura 02 | Localização do terreno.
fonte: googleearth.com, alterado pelo autor

1.3 objetivo geral

Elaborar um projeto arquitetônico de um equipamento público de acolhimento LGBTQIA+ que proporcione a inclusão social dos indivíduos através de apoio multidisciplinar.

1.4 objetivos específicos

- i. Compreender o movimento LGBT, seu histórico e situação atual;
- ii. Contextualizar brevemente o histórico de ocupação da comunidade do Monte Serrat;
- iii. Analisar projetos que possuam relação com o tema proposto, com as características topográficas e com a materialidade pretendida;
- iv. Conhecer diferentes aspectos da área selecionada para a realização do projeto e sua legislação urbanística, levando em conta as identidades locais;
- v. Traçar um programa de necessidades que contemple todo o processo necessário para pessoas em processo de acolhimento;
- vi. Elaborar o partido arquitetônico do centro de acolhimento LGBTQIA+;
- vii. Traçar diretrizes a partir das relações do terreno com a comunidade;
- viii. Desenvolver o anteprojeto na etapa de TCC I.

1.5 metodologia

Para o desenvolvimento do trabalho proposto serão realizadas pesquisas bibliográficas em sites, livros, teses, artigos e leis, que proporcionem um bom embasamento teórico sobre a origem da homofobia, o movimento LGBTQIA+ e a trajetória de alguns que acabam sendo a expulsão de casa.

Após definição do tema será delimitado um recorte, dentro do município de Florianópolis, que abranja o maior número de LGBTs possível e principalmente tendo em vista, dentro da comunidade, um dos grupos de pessoas que mais sofrem com esse preconceito: pobres e negros.

Além disso, serão realizadas visitas tanto no terreno quanto nos equipamentos comunitários próximos, como a Praça do Monte Serrat Caixa D'água, Centro Cultural Casa Anastásia, Casa de Acolhimento Darcy Vitória de Brito, para melhor compreensão da realidade da comunidade e identificação potencialidades norteadoras no processo projetual.

Faz-se necessário o estudo de referências projetuais que possuam tanto conexão com as temáticas relacionadas ao tema proposto, quanto com os desafios presentes no terreno, como uma implantação que considere as condicionantes locais e a inserção de projetos em desníveis. Através deste também será desenvolvido um programa de necessidades que contemple a estadia do acolhido tal como atividades multidisciplinares.

Por fim, serão analisados todos os dados e as condicionantes obtidas ao longo do trabalho para que assim seja desenvolvido o partido arquitetônico (TCC I) e posteriormente o anteprojeto (TCC II) do centro de acolhimento.

2

- 2 panorama histórico da homossexualidade
- 2 o surgimento do movimento lgt
- 3 a trajetória no Brasil
- 4 fobia e invisibilidade lgt
- 5 lgt em Florianópolis

FUNDAMENTA- | ÇÃO TEÓRICA

2.1 panorama histórico da homossexualidade

Desde os princípios da vida em sociedade no Ocidente, o corpo e a sexualidade masculina sempre foram os únicos a serem reconhecidos pela sua existência ontológica e anatômica, sendo muito cultuados na Cultura Clássica.

A Grécia Antiga reconhecia oficialmente a relação sexual entre homens como uma espécie de ritual, “uma função iniciática” à vida marital. Essas relações homoeróticas eram regulamentadas e socialmente conhecidas como pederastia, que constituía no relacionamento entre um adolescente, e um homem mais velho, “[...] o indivíduo mais velho era chamado de erastes, e sua função era a de proteger, amar e agir como um exemplo para seu amado - chamado de eromenos, cuja recompensa para seu amante estaria em sua juventude, beleza e potencial.” (ANDRADE, 2017, p. 68)



figura 03 | Prato ateniense (530-430 a.C) Ashmolean Museum, Oxford.
fonte: *História das artes visuais 1*

Essa prática também era comum em Esparta, uma das principais cidades-Estado Gregas, onde tinha-se maior desenvolvimento militar do que cultural e a relação entre homens possuía um enfoque diferenciado:

[...] Era ela estimulada dentro do exército espartano, para torná-lo ainda mais eficiente. Isso se explica por um simples fato: com a existência constante de relacionamentos homoafetivos dentro do exército, quando este ia para a guerra, o soldado estaria lutando não apenas por sua cidade-Estado, mas igualmente para proteger a vida de seu amado, o que, obviamente, aumentaria o grau de dedicação do combatente. (VECCHIATTI, 2008 apud ANDRADE, 2017, p. 69)

Diferente da Grécia, onde a relação homoerótica desempenhava um papel significativo na transmissão de valores, a Roma Clássica admitia relações entre homens, desde que fosse com um subordinado, e este desempenhasse o papel de passivo. Além disso, segundo Borrillo (2000, p. 46) as relações homossexuais romanas eram toleradas sob as seguintes condições “[...] não afastar o cidadão de seus deveres para com a sociedade; [...] Evidentemente, o cidadão romano deveria, sobretudo, casar-se, tornar-se pater [pai de] família, assim como zelar pelos interesses não só econômicos, mas também da linhagem.” Desta forma, somente a bissexualidade entre homens era aceitável e completamente respeitável socialmente.

figura 04 | Detalhe do Taça Warren (Museu britânico) de um jovem sendo penetrado por um homem. fonte: dezanove



figura 05 | Fresco representando Safo, encontrado em Pompeia. fonte: revistacaliban

Desta época, se tem poucos dados as relações homoeróticas entre mulheres, uma vez que essas sociedades eram extremamente sexistas e patriarcais. Sabe-se, porém, que existiu uma poetisa chamada Safo, nascida na ilha de Lesbos (origem da palavra lésbica), por volta do século 7 a.C, que “ [...] Mantinha uma escola só para mulheres, na qual as professoras eram amantes das alunas, à maneira da tradicional pederastia masculina ateniense.” (POMPERMAIER, 2017, s/p)

Assim, gregos e romanos, por mais que tenham vivenciaram uma sociedade machista e sexista, não possuíam uma visão de heterossexismo. Pelo contrário, a homossexualidade era uma importante relação social que integrava parte da cultura desses povos.

A origem da homofobia remete ao advento do judaísmo e cristianismo, ainda durante o império romano, foi promulgada a primeira lei contra homossexuais com penas de morte. As justificativas, por meio dos fundamentos bíblicos, transformaram “[...] a heterossexualidade [monogâmica], no único comportamento suscetível de ser qualificado como natural e, por conseguinte, como normal.” (BORRILLO, 2000, p. 47). Desta maneira, a homossexualidade passou a ser vista como algo indigno da salvação divina, levando assim à condenação e à fogueira.

A imposição, quanto à relação homoafetiva, advém do contexto histórico vivenciado pelos judeus,

[...] após sua libertação do Egito, o povo de Israel foi obrigado a editar normas estritas, destinadas a garantir sua sobrevivência demográfica e cultural. Os alicerces patriarcais do povo judeu encontrar-se-iam, efetivamente, em perigo se viessem a disseminar-se outras práticas além da relação com mulheres. [...] (BORRILLO, 2000, p. 49)

Nasce assim uma relação social heterossexista, que condena inúmeras “práticas sexuais”, sobretudo as que não tenham objetivo de procriação, como a homossexualidade, a masturbação e a relação com mulheres em períodos inférteis, perpetuando uma sociedade patriarcal que necessitava de uma preservação biológica.

Durante a Idade Média, o cristianismo vivia seu ápice, e com o advento da peste negra (1348-1350), cerca de um terço da população europeia foi dizimada. Com o declínio populacional, o medo do repovoamento voltou a assombrar os cristãos. Desta forma, a perseguição aos homossexuais ressurgiu, influenciada pela Igreja, como crimes de sodomia e pederastia e portanto, corroborando com o fim do direito dos não normativos aos espaços públicos.

No final do séc. XVIII, na França, através do código penal da Revolução Francesa, ocorreu a despenalização da relações homoeróticas. Concomitante, outros países como Bélgica, Espanha, Itália, Luxemburgo, Mônaco e Romênia também deixaram de proibir esses tipos de relações. (LOPÉZ, 2016, s/p)

A partir do séc. XIX, com a ocorrência da Revolução Industrial e do avanço tecnológico e científico, as dinâmicas sociais mudam e o

olhar sobre as relações homossexuais também. Surge assim o termo “homossexualidade”, através de “[...] discursos homofóbicos revestidos de linguagem científica [que] caracterizam os homossexuais como perversos e perigosos à ordem sanitária.” (ALMEIDA, 2016, p. 32), na tentativa de medicalizar a noção de sodomia.

Assim, além da Igreja, a ciência começa a discriminar os comportamentos não normativos e passa a encará-los como distúrbios comportamentais, fazendo com que os homossexuais fossem frequentemente confinados a manicômios, clínicas e submetidos a castrações químicas, Lobotomia, e outras formas de tratamento do “homossexualismo”.

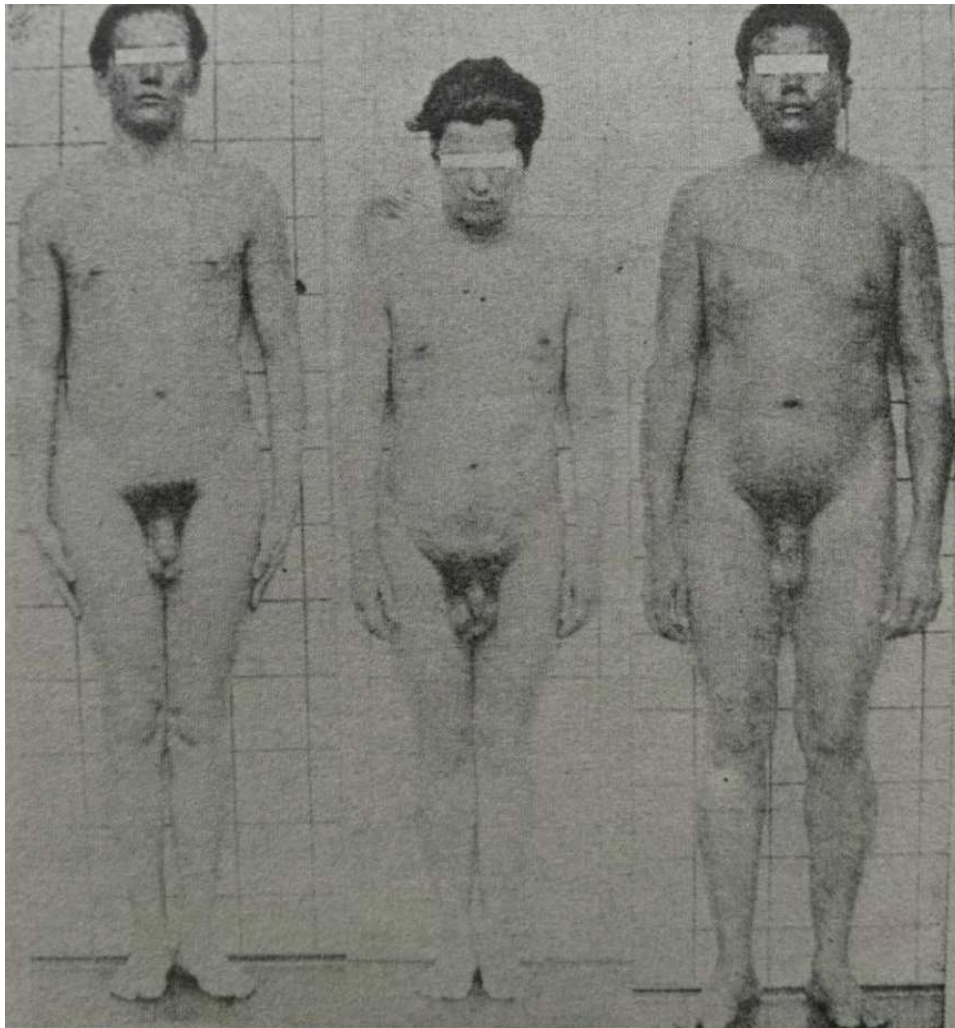


figura 06 | Homossexuais eram levados a laboratórios e submetidos a diversos experimentos e análises na busca por uma cura aos “desvios de gênero”. fonte: *Revista Archivos de Medicina Legal e Identificação*

Nesse período, a arquitetura, associada à urbanização, possuiu grande ênfase atrelada comunidade LGBT, com o surgimento de espaços que reforçavam o sentido de identidade social e de pertencimento,

[...] Detrás de eufemismos como o “Club degli Ingoranti” de Roma ou a “Réunion Philanthropique” de Bruxelas, se escondiam na verdade espaços de socialização homossexual. Dos cafés do Souris e Le Rat Mort, em Paris, aos lugares de encontro de lésbicas na rua Unter den Linden, em Berlim, às docas de Barcelona ou à Ilha de Capri, a meca homossexual europeia, se desenvolvia uma intensa vida homossexual. (LOPÉZ, 2016, s/p)

No território brasileiro, até meados do século XIX, Bonfim (2011, p. 72), aponta que a legislação brasileira legitimava a pena de morte por fogo ao homossexual. Somente em 1830, com o decreto do Código Criminal do Império do Brasil, a criminalização contra homossexuais deixou de existir por simplesmente não mencionarem sobre as relações homoafetivas.

Já no início do século XX, de acordo com a ideologia comunista da época, a homossexualidade era resultante do sistema capitalista vigente, e através do comunismo esta seria extinta. No entanto, os Códigos Penais Revolucionários de 1922 e 1926 não tornavam crime a homossexualidade. Somente em 1934, com a ascensão de Stalin ao poder, ressurgiu a repressão aos homossexuais e a criminalização das relações homoafetivas. (ALMEIDA, 2016, p. 35)

A partir do século XX, aos moldes mundiais, o Brasil, também classificava as práticas homoeróticas, especialmente entre homens, como “desvios de comportamentos”, sendo objetos de estudos da medicina comportamental. Através de discursos homofóbicos, todos aqueles que escapassem à norma heterossexual, eram perseguidos pela polícia e/ou internados em institutos psiquiátricos. (FACCHINI, 2011, s/p)

Mais tarde, o mundo vivenciava uma das mais terríveis guerras do planeta, a Segunda Guerra Mundial, que acarretou na morte de cerca de 47 milhões de pessoas. Na Alemanha, devido ao declínio populacional pós-Primeira Guerra Mundial, a reprodução tornou-se uma questão do Estado Nazista. Movidos a discursos homofóbicos, a caça aos homossexuais ressurgiu, e através da ideologia de uma raça suprema - ariana, os homossexuais passaram a sofrer experimentações

médicas para “curá-los”. Sem os resultados esperados, eram condenados aos campos de concentração, identificados com um triângulo rosa e submetidos a castração para privá-los de qualquer prazer.

O choque deve ter sido grande, visto que Berlim do final do século XIX já era uma cidade com grande movimentação homossexual: 2,5 milhões de habitantes, 40 bares gays e 320 publicações sobre a questão da homossexualidade. (NORTON, 1999, apud ALMEIDA, 2016, p. 36)

Em 1974, a *American Psychiatric Association* - principal organização profissional de psiquiatras e estudantes de psiquiatria nos Estados Unidos, e a mais influente no mundo, retirou a homossexualidade do quadro de doenças mentais do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais.



figura 07 | Homossexuais eram enviados para campos de concentração durante o Nazismo e eram identificados por um triângulo cor de rosa no uniforme.
fonte: Brillio.net e Queerty.com



2.2 o surgimento movimento lgtb

No final da década de 1940, em Amsterdã, nasce o primeiro movimento homossexual, o COC (*Center of Culture and Recreation*). Esse movimento surgiu através de um grupo de pessoas que editavam uma publicação mensal, o *Levensrecht* (em português, “Direito de viver”), e articulando esse trabalho às autoridades, possuíam o intuito de desconstruir a imagem negativa da homossexualidade e estimular a tolerância para com esse grupo.

Segundo Facchini (2011, s/p), em 1951, nos Estados Unidos, nasceu um dos principais grupos homossexuais, o *Mattachine Society*, responsável por promover discussões acerca da homossexualidade, “com palestras ministradas por médicos e psiquiatras, criando espaços de sociabilidade e concomitante surge um grupo voltado diretamente às lésbicas, o *Daughter of Biliti*”. (Ibid.)

Consequente, nas décadas de 1960 e 1970, houve a consolidação da militância homossexual, com o crescimento da visibilidade e o surgimento de novos grupos em diferentes países, caracterizados por um discurso de auto-afirmação e liberdade sexual.

O grande marco do movimento homossexual surgiu com a revolta no *Bar Stonewall Inn*, em *Greenwich Village*, um bairro boêmio em Nova York. O contexto da época era a constante repressão, violência e exclusão social, tendo em vista que o bar era frequentado por minorias marginalizadas da comunidade LGBT, como jovens afeminados, lésbicas masculinizadas, drag queens, transgêneros, prostitutos e até jovens sem teto.

Naquele tempo, não ser heterossexual era crime nos Estados Unidos. Nas ruas de Nova York, quem não vestisse pelo menos três peças de roupa “apropriadas ao seu gênero” poderia ser preso. E meias não contavam. Não à toa, muitas drag queens aboliram o uso de saltos altos para poder correr melhor da polícia quando necessário. Devido à “conduta indecente”, a *State Liquor Authority* (SLA) também proibia a venda de álcool para estabelecimentos considerados gays. (FERNANDES, 2019, s/p)

figura 08 | A esquerda, Marsha P. Johnson, ao lado de Sylvia Rivera, mulheres transexuais que lideraram os motins de *Stonewall* em 1969 e foram ativistas pioneiras do movimento pelos direitos dos gays. fonte: gcn.ie, alterado pelo autor





O bar funcionava como uma espécie de reduto para a comunidade gay, um local em meio a toda represália vivenciada pela época, que assegurava a liberdade sexual, “[...] Quando as pessoas entravam no Stonewall, elas podiam andar de mãos dadas, se beijar e, o mais importante, era possível dançar.” (FERNANDES, 2019, s/p)

No dia 28 de junho de 1969, os frequentadores do *Stonewall Inn*, cansados das frequentes abordagens policiais, partiram para o confronto direto rebelando-se contra as ações homofóbicas sofridas. Este ato foi extremamente importante para o movimento político LGBT, visto que, no dia seguinte à revolta, deu-se início a uma onda de protestos que marcaram a época, internacionalizando a data como o “Dia do Orgulho Gay”. Um ano após o ocorrido, cerca de dez mil pessoas se reuniram para celebrar um ano da revolta, dando início às modernas paradas do orgulho LGBT.

figura 09 | Protestos nas ruas de Nova York durante a Revolta de Stonewall, em 1969. A Revolta representou o despertar da consciência política dos gays e influenciou diversos movimentos LGBTQs no mundo. fonte: news.harvard.edu



2.3 a trajetória no Brasil

Em 1964, houve o golpe ao regime democrático brasileiro e a instituição da ditadura militar. Neste momento, não haviam perseguições generalizadas aos homossexuais, a não ser que o indivíduo fosse de esquerda ou ligado a movimentos de oposição à ditadura. Entretanto, com o decreto do AI-5 e diante de uma sociedade heteronormativa, todos aqueles que não se adequassem aos padrões eram tidos como “desviantes” ou “anormais”. “Assim, homossexuais, travestis, prostitutas e outras pessoas consideradas “perversas”, ou “anormais”, foram alvo de perseguições, detenções arbitrárias, expurgos de cargos públicos, censura e outras formas de violência.” (MEMÓRIAS DA DITADURA, 2018, s/p)

O depoimento de Anyky Lima, travesti que esteve presente na ditadura militar, demonstra a falta de empatia e principalmente a intolerância em relação a travestis e negros, “[...] quando você é branca, quando você é mais bonitinha você apanha menos do que aquela travesti negra. Eu vi várias vezes eu ser presa e policiais me tirarem de madrugada para ter relação comigo e baterem em uma travesti negra só pelo prazer.” (COLABORA, 2018, s/p). Sob esse contexto a arquitetura desempenhava importante papel:

A comunidade LGBT brasileira manteve seus locais de sociabilidade em guetos. Longe de poderem se organizar como movimento político, os homossexuais encontravam-se em casas noturnas, bailes de carnaval ou em fã clubes de artistas, em que se sentiam mais à vontade para afirmar sua identidade. (MEMÓRIAS DA DITADURA, 2018, s/p)

Gueto era um nome que já usávamos para boates frequentadas



Figura 10 | Travesti sendo presa no caso emblemático das “operações limpeza” nos arredores da Galeria Metrôpole em ocasião da visita da Rainha Elizabeth II ao Brasil, onde dezenas de camburões invadiram a galeria para levar homossexuais presos e fechar o espaço. fonte: Portal Memorial da Democracia

por gays, lésbicas e travestis. Fazíamos panfletagem e buscávamos montar nossa pauta de reivindicação e apoio lá”, diz Alice Oliveira, militante lésbica. (FÁBIO, 2017, s/p)

No fim da ditadura, final da década de 1970, surgiram outros movimentos sociais, como o movimento Feminista (1975), o movimento Negro Unificado (1978), e concomitante à estes, o movimento LGBT, inspirado pelos movimentos estudantis revolucionários e principalmente pelos movimentos LGBTs ocorridos nos Estados Unidos com a Revolta de *Stonewall Inn*. O movimento tentava se firmar desde 1976, porém, uma das maiores dificuldades era o fato de a maior parte dos manifestantes não serem assumidos, pois diferente de ser mulher ou negro, ser gay não é algo em evidência.

As primeiras manifestações buscavam abolir vários tipos de hierarquias sociais, especialmente as relacionadas a gênero e a sexualidade. Deste modo, surgiu em São Paulo o primeiro grupo em busca dos direitos homossexuais, o Grupo SOMOS - Grupo de Afirmação Homossexual, fundado em 1978.

No mesmo ano, nasceu o primeiro jornal de temática homossexual brasileiro, “O Lampião de Esquina”, como parte da imprensa alternativa da época, fazendo oposição à ditadura e servindo para denunciar abusos contra LGBTs.



Figura 11 | Membros do Somos - Grupo de Afirmação Homossexual depois de uma reunião geral nas Ciências Sociais da USP, 1980. fonte: vermelho.org

figura 12 | Capa de uma edição do “O Lâmpião da Esquina”, jornal mensal que circulou nas bancas de todo o Brasil entre os anos de 1978 e 1981 – período do dito ‘abrandamento’ da ditadura militar, com exceção da “moral e bons costumes” da família tradicional brasileira. *fonte: tropicuir.org*



Após os anos 1980, período que assolou grande parte da comunidade LGBT - principalmente homens, devido à epidemia da AIDS ou “câncer gay” (comumente chamado pela mídia), foi fortalecida a dedicação à educação dentro do movimento gay. Ante a exigência de se organizar contra a doença, os movimentos gays reafirmaram a importância da educação como a melhor arma nessa guerra sem tréguas, dando origem a diferentes cursos de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis DST/AIDS, assim como trabalhos e projetos de assistência a pessoas infectadas pelo HIV. (FERRARI, 2004, s/p)

De forma consciente, o movimento gay surgiu a partir de uma preocupação com o entendimento do mundo, com a tentativa de esclarecer e dominar os parâmetros de sua organização e de classificação da homossexualidade, e com a demanda de desconstruir as identidades homossexuais cristalizadas em busca de novas possibilidades de vivências mais positivas.

figura 13 | Parada gay 2013 em São Paulo. fonte: g1.





Bradesco
13:25

2.4 lgbtfobia e visibilidade lgbt

Em 2018, cerca de 420 LGBT+ morreram no Brasil vítimas de homofobia. Desses, cerca de 76% dos casos foram homicídios e os 24% restantes suicídio, segundo dados do Grupo Gay da Bahia. Assim, a cada 20 horas um LGBT é brutalmente assassinado ou se suicida vítima de LGBTfobia, colocando o Brasil como o país que mais comete crimes contra as minorias sexuais. "Segundo agências internacionais de direitos humanos, matam-se muitíssimo mais homossexuais e transexuais no Brasil do que nos 13 países do Oriente e África onde há pena de morte contra os LGBT." (GRUPO GAY BAHIA, 2018, p. 1)

Os gráficos a seguir demonstram o aumento da LGBTFobia no Brasil ao longo dos anos.

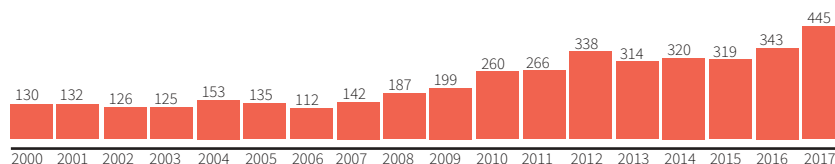


figura 14 I LGBT's mortos no Brasil de 2000 - 2017.

fonte: GAYBAHIA

Dentro da comunidade LGBT, o grupo que menos possui visibilidade é o das transsexuais. De acordo com o levantamento da associação europeia *TransRespect*, realizada em 72 países, o Brasil foi responsável por 40% dos 2.600 assassinatos em todo o mundo nos últimos dez anos.

A média de vida dessa população no Brasil é de 35 anos – menos da metade da média nacional de 75 anos. Além dos altos índices de permanência na prostituição, 60% da população transgênero sofre de algum tipo de depressão e tem uma propensão 50% maior a se contaminar com o HIV, segundo a revista médica inglesa *The Lancet*.

2.5 lgbt em Florianópolis

Um grupo de Florianópolis, a partir de reuniões com a comunidade, se uniu para desenvolver um aplicativo que promova segurança, assistência e prevenção às pessoas LGBTI.

O aplicativo, chamado de *Nohs Somos*, usa da tecnologia como ferramenta de apoio entre os usuários. São duas principais interfaces: na primeira, um botão de pânico, para quando o usuário estiver em perigo. Sua localização e as principais informações são enviadas para as pessoas próximas e seus amigos cadastrados no aplicativo, que podem prestar assistência e chamar a polícia.

Na segunda interface, o usuário conta com um mapa de segurança que mostra os lugares seguros e também eventos, estabelecimentos e profissionais LGBTIs e simpatizantes. Além disso, o usuário pode identificar no mapa se existem relatos de LGBTIfobia.

Os idealizadores buscam promover, juntamente com empresários, práticas que estimulem a diversidade em empresas, sensibilizando as organizações para que possam criar ambientes de trabalho mais inclusivos e saudáveis.

Atualmente o site encontra-se no ar através do link <https://nohssomos.com.br/>

figura 151 Idealizadores do aplicativo. fonte: yosss.com



Menino de 8 anos é espancado até a morte pelo pai para 'andar como homem'

Alegando que o filho era 'afeminado', o pai bateu tanto que chegou a perfurar o fígado do menino, que também tinha sinais de desnutrição

O Estado de S. Paulo
05 Março 2014 | 17h18



ESPÍRITO SANTO



13/06/2015 16h30 - Atualizado em 13/06/2015 19h59

Estudante do ES é morto à pedradas e mãe crê em homofobia

Jovem era aluno do 7º ano do Ensino Média e sonhava em ser estilista. Crime aconteceu no bairro Santa Catarina, em Cariacica.

uol notícias Cotidiano

ÚLTIMAS • CIÊNCIA E SAÚDE • ECONOMIA • INTER • JORNAIS • POLÍTICA • ELEIÇÕES 2018 • UOL

ONG aponta recorde de LGBTs mortos no Brasil em 2017; "dói só de lembrar", diz parente

Carlos Madelro
Colaboração para o UOL, em Maceló 25/09/2017 | 04h00



🔊 Ouvir texto



Imprimir



Comunicar erro

Getty Images



figura 16 | Manchetes de jornais brasileiros que demonstram a homofobia recorrente no país. fonte: CONTARIM, 2018, p. 89 e 92

SÃO PAULO



MENU

14/11/2010 12h06 - Atualizado em 14/11/2010 15h48

Grupo usou lâmpadas como bastão para agredir jovem na Paulista

RORAIMA



Homossexual é assassinado a pauladas e pedradas em Boa Vista

Corpo foi encontrado pela manhã em um campo de futebol e a DGH vai investigar o caso.



Após matar homossexual em Curitiba, suspeito grita 'viva Bolsonaro'

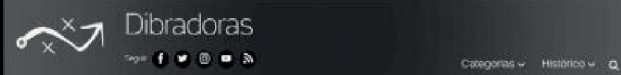
A provável causa da morte foi um traumatismo craniano decorrente de um golpe na cabeça

DIVERSIDADE

"Logo a gente te mata": as ameaças contra LGBTs ouvidas nessas eleições

Camila Brevedes
15/10/2018

Relato de ataque contra homossexual foi divulgado pela polícia com breves detalhes. A vítima afirmou, em seu depoimento, ter sido atingido no peito e o perito das lesões.



Torcedoras LGBT relatam clima de medo após gritos homofóbicos pró-Bolsonaro



Renata Mendonça
torcedoras LGBT



home

HOME DIVERSIDADE COMPORTAMENTO POP VÍDEOS

DIVERSIDADE



"Ô bicharada, toma cuidado! O Bolsonaro vai matar viado!", gritam homofóbicos no metrô; assista

Por Redação - 15/10/2018

2776

GGN
JORNAL DE TODOS OS DIAS

POLÍTICA DESENVOLVIMENTO ECONOMIA CULTURA CONSUMIDOR CIDADANIA LUIS NASSIF

Saúde | Esporte | Educação | Blogs | Grupos | Membros | Seminários | Multitôes | Gestão | País

LUIS NASSIF ONLINE

POLÍTICA

Comissão da OAB vê ameaça ao casamento gay quando Bolsonaro assumir

SEG, 05/11/2018 - 11:07
ATUALIZADO EM 05/11/2018 - 11:11



Transexual é agredida no Rio: "Estão usando Bolsonaro para nos atacar"

Rodrigo Mattos
Do UOL, no Rio 08/10/2018 19:24 - Atualizado 15/10/2018 12h15



Compartilhar Imprimir Comunicar erro

ELEIÇÕES 2018

- Apuração
- Rádios
- Pesquisas
- Candidatos

A transexual Juliana Barbosa foi agredida no sábado (6) de manhã em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, com

gritos de homofobia e apologia ao candidato à Presidência do PSL, Jair Bolsonaro. Em depoimento ao UOL, ela afirmou que o nome do



Reprodução/Facets

CASTRACA LIVRE

Citadania

Informar

Página inicial » Cidadania »

'Sou homofóbico, sim, com muito orgulho', diz Bolsonaro em vídeo

Na gravação que está viralizando na web, o candidato faz uso da imunidade parlamentar para assumir que tem preconceito com LGBTs

15/10/2018 - 16:59

Por Redação | Comunicar erro



FOLHA DE S. PAULO

Mônica Bergamo
monica.bergamo@grupofolha.com.br

ELEIÇÕES 2018

Pichação pró-Bolsonaro em cursinho pede morte aos negros e aos gays

Anglo diz que 'atitude covarde e belicosa' causou 'tristeza e indignação'

Forum



Quem escreve: 15/10/2018 10:24 | 05/11/2018 11:11

Política Brasil Global Notícias Grupos Cultura Mídia LGBT Blogs Colunistas

Ver um artigo

Artigo publicado

Você pode apoiar uma mídia livre em defesa da democracia. Clique aqui e saiba como.

Ver artigo

Seu comentário de artigo, por favor

Aos gritos de "Bolsonaro", travesti é morta a facadas no centro de SP
Testemunhas relatam que quatro homens, aos gritos de "Bolsonaro" e "Ele sim", entraram em discussão com uma travesti em um bar do centro de São Paulo e a enfraquecida vítima não resistiu e morreu a facadas no hospital.

3



3 a escolha da área
2 o perfil da população do Monte Serrat
3 quem não tem memória não faz história
4 a luta pelos equipamentos comunitários
5 equipamentos assistenciais
6 acessos e transportes
7 transformações recentes
8 o terreno

| DIAGNÓSTICO

3.1 a escolha da área

A principal motivação que levou a escolha do terreno foi que majoritariamente LGBTs negros e/ou advindos de comunidades sejam os que mais carecem de apoio social, como confirma Gonzalez (2019), a respeito da “Casa 1”, centro de apoio ao acolhimento LGBT no Brasil: “Desde que nasceu, há pouco mais de três anos, [...] foi lar de mais de 200 pessoas LGBTs que foram expulsas de casa por suas orientações sexuais ou identidade de gênero, especialmente negras e vindas da periferia”.



figura 17 | Localização do terreno.
fonte: googleearth, alterado pelo autor

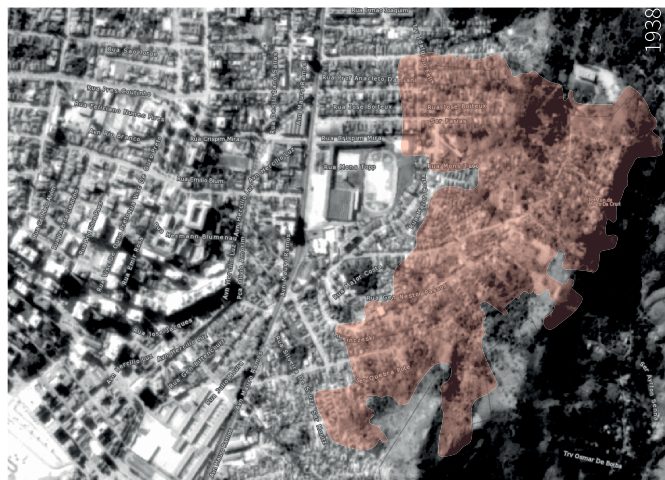


figura 18 | Ortofotos da comunidade do Monte Serrat.
fonte: geo.pmf.sc.gov.br, alterado pelo autor

3.2 o perfil da população do Monte Serrat

Através das imagens de satélite, é possível observar o aumento da comunidade de Monte Serrat ao longo das décadas. Embora se desenvolva principalmente ao longo de sua via principal, rua General Vieira da Rosa, apresenta crescente adensamento ao longo de suas servidões, em muitos casos acessadas por meio de escadarias. “As ruas são delimitadas hoje principalmente por construções de alvenaria, onde habitam famílias, em sua maioria negras, descendentes das/os primeiras/os habitantes do morro [...]” (RUCHAUD, 2019, p. 208)

3.3 “quem não tem memória não faz história”

Embora o Centro de Florianópolis seja uma península, limitada a norte, sul e oeste pelo mar, o limite que se faz onipresente a esse território é menos a água e mais o morro. O Maciço do Morro da Cruz vem desempenhando historicamente o papel de delimitar o território do Centro, tendo sido, até as primeiras décadas do século XX, um obstáculo que propiciou um certo isolamento entre a região central da cidade e localidades como a Freguesia da Santíssima Trindade de Trás do Morro, atual bairro da Trindade. (VEIGA, 2010 apud RUCHAUD, 2019, p. 205)

Localizado no Maciço do Morro da Cruz, o Monte Serrat é uma das 64 comunidades de Florianópolis, segundo levantamento realizado por Tómas (2012). Sua ocupação está ligada aos processos de exclusão das camadas populares da cidade formal, dando início à urbanização da cidade informal.

Segundo Santos (2009), foram três momentos específicos que deram origem à comunidade. O primeiro momento foi a lenta ocupação, durante o século XIX, de escravos refugiados, negros alforridos e pobres que usavam o Morro como local de refúgio.

A segunda fase remete à modernidade e as grandes reformas higienistas da Pedreira, hoje conhecida como Centro Histórico de Florianópolis, localizado na parte leste, que promoveram a expulsão de uma grande parcela de moradores pobres da área central, “[...] populações predominantemente negras, descendentes de pessoas escravizadas, e que trabalhavam atendendo às populações mais abastadas da cidade como comerciantes ou lavadeiras [...]” (RUCHAUD, 2019, p. 207)

figura 19 | Canalização do Rio a Bulha em 1918.
fonte: IHGSC



Segundo uma visão elitista, faz o seguinte comentário:

Desse processo, o momento mais marcante é a canalização, em 1922, do antigo Rio da Bulha, que, considerado uma fonte de doenças para a população da cidade, foi transformado em uma via pública chamada de Avenida do Saneamento, atual Avenida Hercílio Luz. Às margens habitavam famílias empobrecidas, em casas simples ou grandes cortiços, que foram demolidos, deixando uma grande parcela da população pobre da cidade sem ter para onde ir. (VEIGA, 2010 apud RUCHAUD, 2018, p. 5)

Nas décadas de 1950 e 1960, com o crescimento da construção civil e o impulso imobiliário gerado pela implantação da UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina e empresas estatais na região da Trindade, houve a aceleração da ocupação das áreas “Trás-dos-Morros”, evidenciando o Monte Serrat como um local atrativo para quem buscava trabalho e, conseqüentemente, novos espaços para residir. (PIMENTA, 2011). Assim ocorreu a terceira onda, com a migração de população negra empobrecida de Biguaçu e Antônio Carlos.

Segundo Souza apud Ruchaud (2018, p. 3), “A maioria das/dos moradoras/es tem acesso a serviços públicos de infraestrutura, como iluminação, água e saneamento - embora ainda haja áreas mais precárias nesse sentido”. Contudo, historicamente a área, uma das mais antigas e pobres comunidades de Florianópolis, formadas fora do perímetro da cidade, era constantemente excluída das ações de serviços urbanos e infraestrutura, conforme cita Santos (2009, p. 591):

[...] O exemplo principal é o da rede de abastecimento de água. Para formar esta rede, o governo construiu no Morro, em 1909, um sistema de captação e armazenamento para distribuição de água para o centro de Florianópolis. A comunidade do Monte Serrat, onde estava instalado o reservatório desse sistema de abastecimento, só veio a ter água encanada mais de setenta anos depois, durante a década de 1980.

O referido reservatório, principal referência topológica e identitária da comunidade que, por isso, leva também o nome de Morro da Caixa D'água, continua até hoje em operação, abastecendo parte dos bairros Centro, Saco dos Limões e Agrônômica. O atual terreno, herda-



figura 20 | Primeiro reservatório de água de Florianópolis, denominado por isso de R Zero.
fonte: deolhonailha



figura 21 | Revitalização da praça Monte Serrat.
fonte: nsctotal

do pela CASAN, foi cedido à Prefeitura em 2013 para a realização de uma área de lazer para a cidade.

3.4 a luta pelos equipamentos comunitários

Em agosto do ano de 2019, foi inaugurada a praça do Monte Serrat, financiada pela construtora WOA, como medida compensatória que procura repor bens socioambientais perdidos em decorrência de ações diretas ou indiretas causadas por empreendimentos. O projeto foi realizado em parceria com o Instituto Vilson Groh, movimento Traços Urbanos e o escritório JA8, transformando-o no principal espaço público de lazer da comunidade.

Com a revitalização, a comunidade tem um espaço de qualidade e cria uma interface com o centro para gerar perspectivas de empreendedorismo social futuro. A gente pode trazer mais a iniciativa privada e as políticas públicas para que se chegue num ponto em que não tenha nenhum jovem sem perspectiva - avaliou o Padre Vilson Groh, do Instituto Vilson Groh.” (GOMES, 2019, s/p)

Segundo Souza e Machado apud Ruchaud (2018, p. 5), a primeira forma de organização comunitária, em torno de um objetivo maior, surge com a construção da primeira Igreja, em 1926, nomeada Nossa Senhora do Monte Serrat. Já na década de 50, a comunidade passou a reivindicar melhorias públicas, através de mutirões para a implantação das principais infra-estruturas e equipamentos públicos, e foi nessa época que segundo Santos (2009, p. 595), surgiram “[...] a Escola Básica Lúcia do Livramento Mayvorne, o calçamento da Rua General Vieira da Rosa, a construção da Horta Comunitária e a fundação da Escola de Samba Embaixada Copa Lord (1954)”, importantes elementos estruturantes da comunidade que ainda encontram-se em funcionamento.

Aos fundos da Igreja Monte Serrat, desde 1983, encontra-se a residência do Padre Vilson Groh, responsável pela criação da rede IVG - Instituto Vilson Groh, fundada em 2011, que segue em pleno funcionamento e realiza diversas ações de cunho social não somente na comunidade do Monte Serrat, mas no Morro do Mocotó, Alto da Caeira entre

outras localidades.

A chegada do Padre Vilson Groh ao Monte Serrat na década de 1980, acentuou a organização coletiva da comunidade, que segundo Araújo, teve três fases características: a de retomada dos multirões para melhorar as condições de infraestrutura; a melhoria das condições de vida através da geração de emprego e renda, foi organizada uma padaria, uma peixaria comunitária e uma fábrica de sabão e a terceira, que visa a formação e educação de crianças e jovens. (ARAÚJO, 2004 apud SANTOS, 2009, p. 595)

A rede IVG tem como finalidade:

Dar apoio técnico às organizações da sociedade civil que desenvolvem ações de atendimento à população público da política de assistência social.

Desenvolver ações de formação e capacitação de profissionais e voluntários que atuam em ações de promoção de inclusão social e cidadania.

Dar novo significado às relações centro-periferia, gestando novos espaços públicos-privado/social para o compartilhamento do bem comum.

Prestar serviços e executar programas ou projetos voltados prioritariamente para o fortalecimento dos movimentos sociais e das organizações de usuários, formação e capacitação de lideranças, dirigidos ao público da política de assistência social.

Prestar serviços e executar programas e projetos voltados prioritariamente para a defesa e efetivação dos direitos socioassistenciais, construção de novos direitos, promoção da cidadania, enfrentamento das desigualdades sociais, articulação com órgãos públicos de defesa de direitos, dirigidos ao público da política de assistência social.

figura 22 | Padre Vilson Groh que será homenageado pela escola de samba da comunidade, Copa Lord, como enredo de 2020 “Bem aventurados os que tem fome e sede de justiça. Vilson Groh o Sacerdote das comunidades”. fonte: ndmais.



O CCEA, Centro Cultural Escrava Anastácia, fundado em 1998, “[...] a partir do trabalho de um grupo de mulheres da comunidade, negras em sua maioria, que tinha como preocupação encontrar alternativas para que seus filhos e filhas não ficassem entregues aos apelos do tráfico e da criminalidade.” (TÓMAS, 2012, p. 42), hoje faz parte da rede IVG, e atua na comunidade do Monte Serrat com diferentes projetos, como:

Procurando Caminho: Atendimento à adolescentes e jovens das comunidades empobrecidas de Santa Catarina, envolvidos com a criminalidade e o narcotráfico, em situação de vulnerabilidade e risco social;

Casa de Acolhimento Darcy Vitória de Brito: Oferece acolhimento, cuidado e espaço de desenvolvimento para grupos de crianças e adolescentes em situação de abandono ou cujas famílias ou responsáveis encontrem-se temporariamente impossibilitadas de exercer sua função de cuidado e proteção;

Casa de Acolhimento para População em Situação de Rua: A casa oferta atendimento integral garantindo condições de estadia, convívio, endereço de referência e acolhimento à pessoas em situação de rua;

Almoço População de Rua: Almoços para população em situação de rua;

Rito de Passagem: Serviço de convivência e fortalecimento de vínculos para adolescentes e jovens de 15 a 17 anos, provenientes das entidades da Rede IVG;

República para adultos em processo de saída das ruas: Serviço que oferece proteção, apoio e moradia subsidiada a pessoas adultas com vivência de rua em fase de reinserção social, em processo de restabelecimento dos vínculos sociais e construção de autonomia.





figura 30 | Mapa de equipamentos fonte: do autor

1 - Centro Educacional Marista Lucia Mayvorne
4 - Igreja Nossa Senhora do Monte Serrat
7- SRCS Embaixada Copa Lord

2 - Praça do Monte Serrat
5 - Centro Cultural Escrava Anastácia (IVG)
8 - IFSC - Instituto Federal de Santa Catarina

3 - Casa de Acolhimento Darcy Vitória de Brito
6 - Centro de Saúde Monte Serrat
---- Av. Mauro Ramos

3.5 equipamentos assistenciais

Fez-se um levantamento quanto aos equipamentos relacionados à saúde, assistência social e segurança levando em conta o referente tema. Próximo à comunidade, existe o Posto de Saúde Monte Serrat, único equipamento relacionado a saúde de fato público, e alguns hospitais como o Hospital da Polícia Militar - Lara Ribas, o Imperial Hospital de Caridade e o Hospital Baía Sul.

Há uma carência relacionada a equipamentos de segurança, sendo o Comando Geral PMSC, localizado próximo a praça Getúlio Vargas, o mais próximo da área.

Já equipamentos voltados à assistência social e educacional próximos ao terreno, encontram-se o Centro Cultural Escrava Anastácia, o IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina), que oferta cursos técnicos e superiores, e o SINE (Sistema Nacional de Emprego), que auxilia jovens a ingressarem no mercado de trabalho.

Há um centro de acolhimento, localizado na Rua General Bittencourt, o Albergue Municipal de Florianópolis, inaugurado em 2014. Intermediado pelo Centro POP (Centro de Referência Especializado para a População em Situação de Rua), a casa atende cerca de 60 pessoas. Destas, 40 são destinadas a casa de acolhimento onde os moradores, somente homens, podem permanecer 24h no local, por um período de até três meses com direito a três refeições diárias. Já a ala destinada ao albergue, de caráter transitório, possui 20 vagas femininas/masculinas, onde os hóspedes podem passar até 15 dias, sendo reservado às pessoas que estiverem de passagem pela cidade.

Aos moldes do que o presente TCC propõe, existe no Centro de Florianópolis a ADEH - Associação em Defesa dos Direitos Humanos com Enfoque na Sexualidade, uma ONG que atua em prol da efetivação dos Direitos Humanos, com enfoque na cidadania de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Além disso, oferece serviços de acolhimento, assessoria jurídica e acompanhamento psicológico.

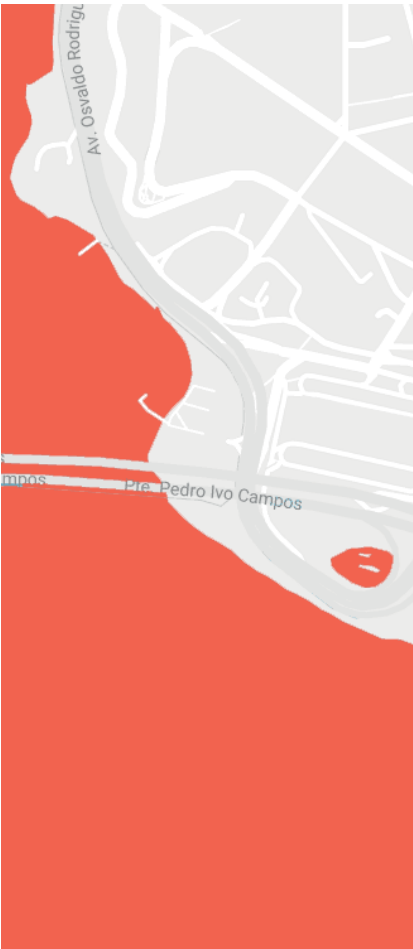


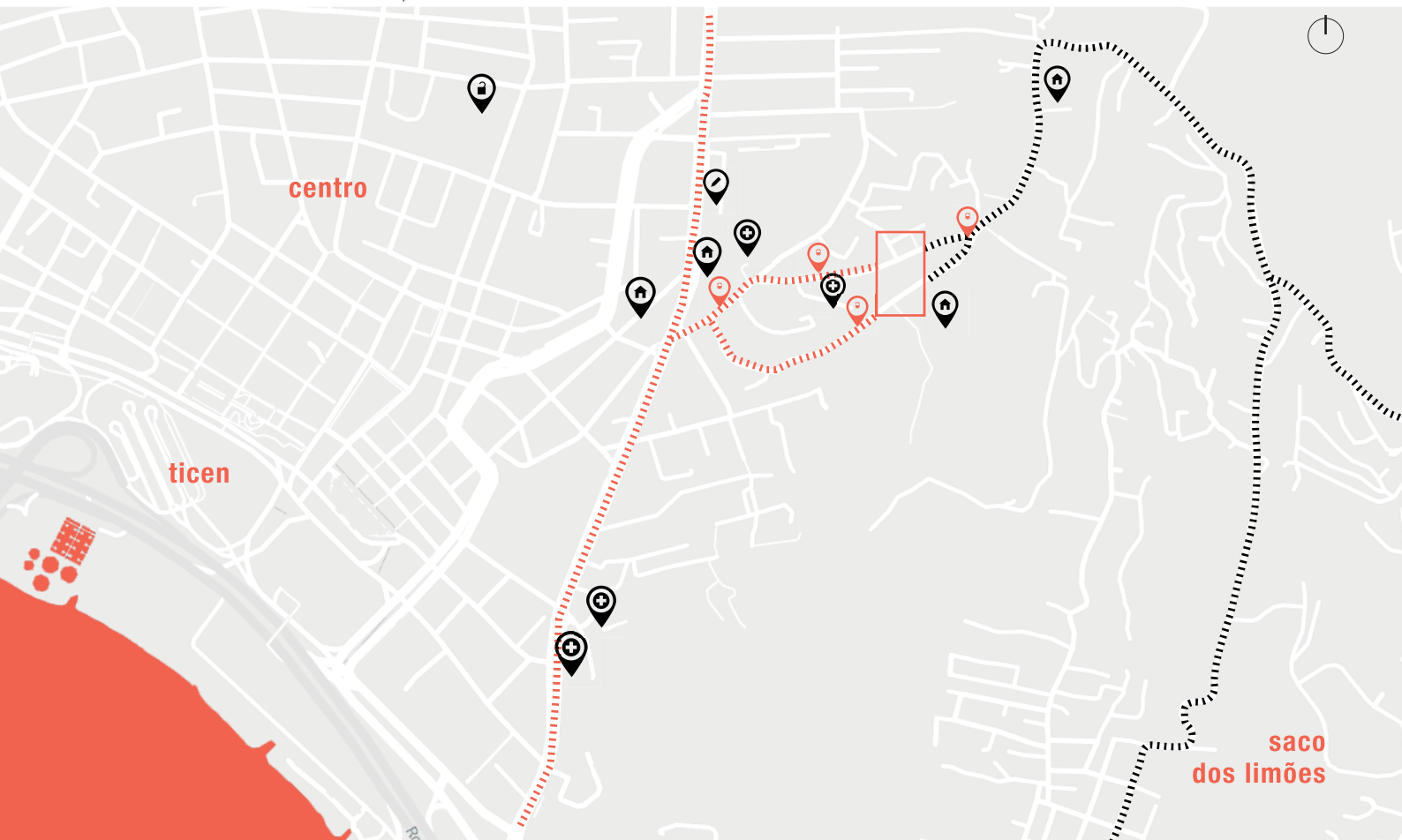
figura 30 | Mapa de equipamentos assistenciais e acessos
fonte: snazzymaps alterado pelo autor

3.6 acessos e transportes

O acesso à comunidade pode ser realizado tanto pela referida via Transcaeira, quanto pela Avenida Mauro Ramos, através das ruas Monsenhor Topp e Major Costa. Essas conectam-se às duas principais vias estruturantes do Monte Serrat: a rua Nestor Passos e a General Vieira da Rosa, e depois seguem como apenas uma via que corta o morro.

Apesar de ser uma das mais antigas comunidades de Florianópolis, conforme afirma Anjos (2016) e Corrêa (2019), com linhas de transportes funcionais desde a década de 1920, somente em 13 de agosto de 1993, foi inaugurada uma linha de transporte coletivo para atender os moradores do Monte Serrat.

Atualmente, a linha “764 - Monte Serrat”, encontra-se em operação contando com um ônibus a cada 40 minutos nos dias úteis e faz conexão direta do TICEN até a Avenida Transcaeira, atendendo tanto o Monte Serrat quanto o Alto da Caeira. Há paradas de ônibus próximas ao terreno, facilitando o acesso.



3.7 transformações recentes

Entre os anos 2008 e 2012 os investimentos do PAC - Programa de Aceleração do Crescimento, obtidos através de recursos federais, impactaram de diversas maneiras o Maciço do Morro da Cruz. Nesta ocasião, diversas melhorias foram realizadas como cita Corrêa (2019, p. 4):

Os investimentos do PAC no Maciço na última década transformaram a qualidade de vida das comunidades, promovendo melhor infraestrutura urbana e sanitária. Além de criar novas conexões urbanas, ligando algumas comunidades que não possuíam vínculos rodoviários entre si e abrindo uma nova e importante rota para a cidade, a via Transcaeira.

A Transcaeira acabou transformando o contexto urbano das comunidades, pois além de fazer conexão entre elas, tornou-se um importante elo de ligação entre o Centro de Florianópolis e a região da Trindade.



figura 31 | Ação do programa de contenção de deslizamentos e segurança nas vias do Morro.
fonte: Corrêa, 2019, p. 16



figura 32 | Rua Dois após as obras do PAC. *fonte: Corrêa, 2019, p. 16*



figura 33 | Vista do alto do Monte Serrat. *fonte: Ruchaud, 2019, p. 215*

3.8 o terreno

O terreno selecionado para a inserção do referente TCC, segundo lei de zoneamento, está inserido em uma ARP 2.5 - Área Residencial Predominante, áreas destinadas ao uso preferencial de moradias, onde se admitem pequenos serviços e comércios vicinais as quais se superpõem às normas gerais do Plano Diretor.

O terreno, de 1.430 m² encontra-se entre ruas paralelas, em alicive de 19 m, da rua General Nestor Passos para a rua General Vieira da Rosa, e possui os seguintes parâmetros:

Máximo de 2 pavimentos
Taxa de Ocupação = 50%
Taxa de Impermeabilização = 70%
Coeficiente de Aproveitamento = 1,5

Deste modo, tem-se que:

T.O = 700 m²
C.O = 2.100 m²

Porém, o seguinte trabalho visa na inserção de um equipamento de caráter comunitário, desta forma, os parâmetros poderão ser alterados conforme necessidade do projeto através de leis específicas.

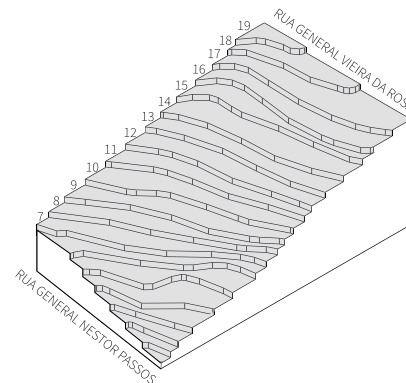
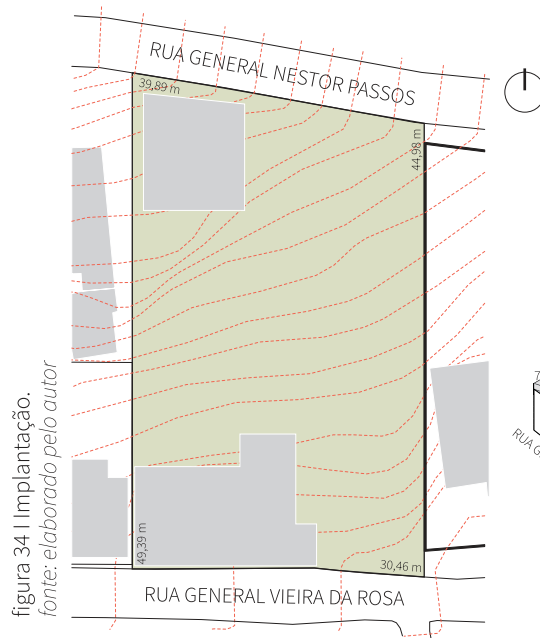


figura 36 I Vista para o Centro de Florianópolis
através da rua General Vieira da Rosa.
fonte: do autor, 2019



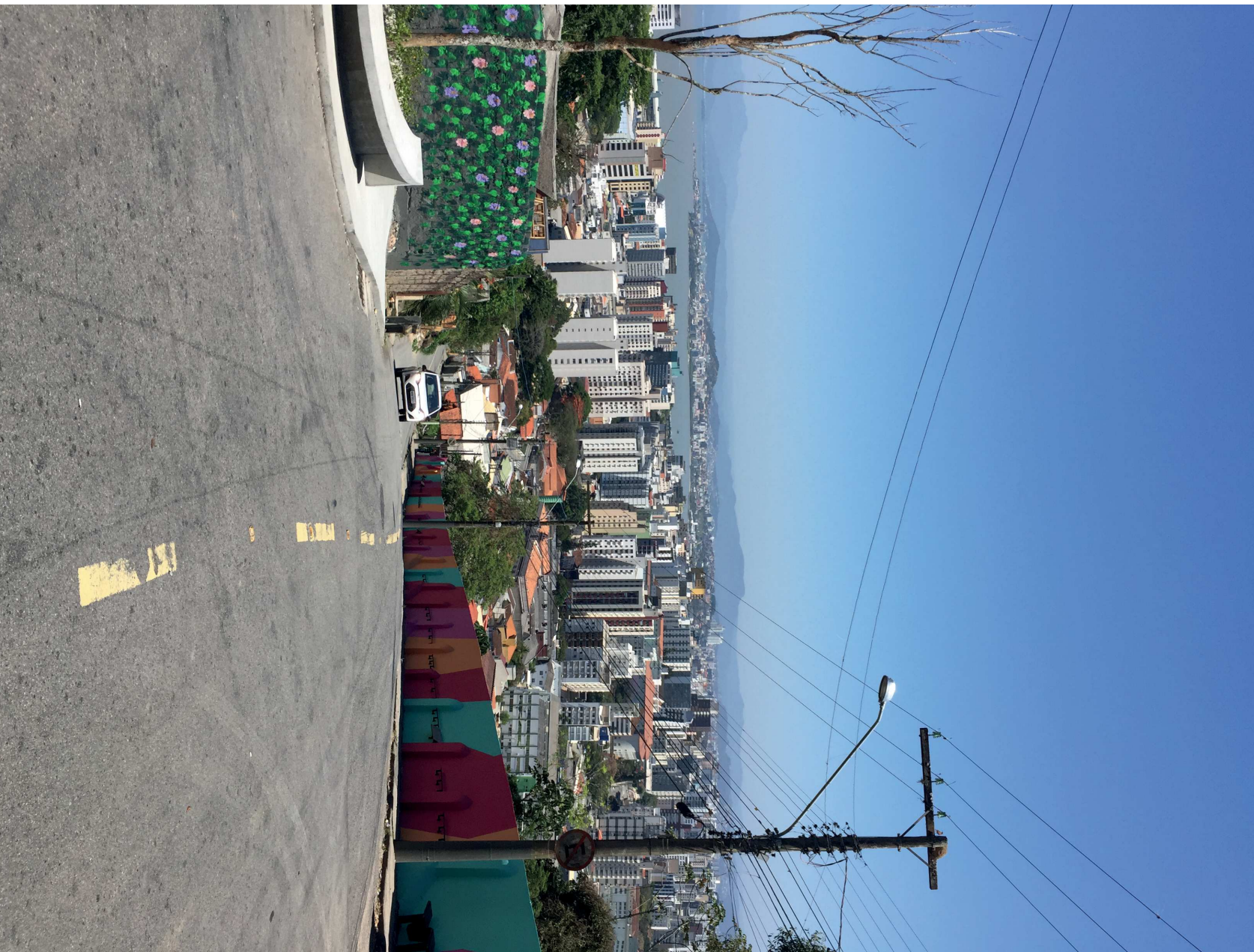


figura 37 | Vista para o Centro de Florianópolis
através da rua General Nestor Passos.
fonte: do autor, 2019

4

- 1 referencial conceitual
- 2 referenciais arquitetônicos
- 3 programa de necessidades
- 4 diretrizes
- 5 evolução proposta
- 6 partido arquitetônico
- 7 materialidade e sistema construtivo

**| PARTIDO
GERAL**

4.1 referencial conceitual

casa 1

fundador: Iran Giusti
São Paulo, BR | 2015

O projeto surge da necessidade de um local, em Florianópolis, para amparo da comunidade LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade social ou risco.

A principal referência relacionada ao formato desse equipamento é a Casa 1 - Centro de Cultura e Acolhimento LGBT, localizada no bairro Bela Vista, em São Paulo. A casa funciona desde 2015 e começou com a oferta de um sofá para amigos expulsos de casa pela família por conta de suas orientações afetivas sexuais e identidades de gênero.

Por dispor-se de um projeto que foi nascendo através da necessidade local e da arrecadação de doações, este não se encontra em uma única estrutura. Porém, através de dois espaços, um galpão e um sobrado (no mesmo bairro, distantes 500 m), o centro conta com



três frentes principais: a república de acolhida para pessoas LGBT, o Galpão Casa 1 e a Clínica Social, ofertando assim todo o processo de acolhimento, inserção social e reestruturação psicológica.

O sobrado que funciona como alojamento para até 20 indivíduos, de 18 a 25 anos, com um período máximo de 4 meses, oferece suporte necessário para garantir que esses tenham conhecimento e acesso a políticas e direitos que não tiveram contato.

O galpão conta com atividades culturais e educativas, com foco em promover a diversidade cultural, fomentar a produção de conhecimento e cultura livre e constituir uma programação gratuita, inclusiva e de qualidade para seus diversos públicos. E junto ao galpão, há a Clínica Social Casa 1, que conta com atendimentos psicoterápicos, atendimentos médicos pontuais e terapias complementares, sempre com uma perspectiva humanizada e com foco na promoção de saúde mental, em especial da comunidade LGBT.



figura 38 | Dia de bazar na rua, aos fundos o sobrado CASA 1. fonte: chicken pasta, alterado pelo autor



figura 39 | Iran Giusti: jovem criou espaço para acolher LGBTs expulsos de casa. fonte: veja sp

4.2 referenciais arquitetônicos

impa | instituto de matemática pura e aplicada

Andrade Morettin arquitetos

Rio de Janeiro, BR | 2015

O projeto, concurso ganho pelo escritório Andrade Morettin, trata-se de uma ampliação das instalações do IMPA, Instituto de Matemática Pura e Aplicada, que possui foco na pesquisa acadêmica em matemática e na formação acadêmica de mestrado, doutorado e pós-doutorado. Atualmente ocupa uma propriedade no Jardim Botânico, Rio de Janeiro, vizinha ao terreno que deverá abrigar as novas atividades.

O terreno de aproximadamente 250 mil m², encontra-se na encosta do morro Corcovado, anexo ao Parque Nacional da Tijuca.

O projeto para a expansão de sua sede tem como objetivo principal a construção de uma área residencial para o complexo. Os edifícios existentes abrigam salas de aula, gabinetes de pesquisadores, setores administrativos e áreas comuns – como refeitório, auditórios e biblioteca. As novas unidades de habitação, totalizando 126 quartos [...]. (ANDRADRE MORETTIN, 2016, s/p)

figura 40 | Perspectiva do projeto demonstrando a conexão com a paisagem, linearidade e materialidade.
fonte: andrademorettin.com.br



A escolha como referencial deu-se, principalmente, pelo projeto estar implantando em uma área de topografia complexa, densamente arborizada, onde os arquitetos buscaram o mínimo impacto possível na paisagem existente. Foram dispostos blocos lineares ao longo das curvas de nível do terreno através de estruturas de aço “elevadas sobre pilares, que pairam sobre o solo, criando uma rede de espaços cobertos e descobertos com grande conectividade mas com baixo impacto sobre o meio físico.” (ANDRADRE MORETTIN, 2016, s/p).

As soluções adotadas foram:

- relação do terreno com a topografia, causando menor impacto e conectando-se à paisagem;
- utilização da conexão dos blocos como espaço de convivência;
- volumetria dos blocos lineares;
- sistema construtivo modular em aço.



figura 40 | Implantação. fonte: andrademorettin.com.br



figura 41 | Perspectiva. Circulação através de passarelas e elevador. fonte: andrademorettin.com.br



figura 42 | Corte. Relação da arquitetura com o terreno. fonte: andrademorettin.com.br

redisência p.e.
Andrade Morettin arquitetos
São Paulo, BR | 2016

O projeto da Residência P.E. foi escolhido pela relação que este propõe entre os ambientes internos e externos. Através de generosas esquadrias, a edificação paira sobre o jardim transformando-o em uma extensão do espaço construído. Assim acontece com os dormitórios, que por meio de guarda-corpos, expandem o espaço interno.

Outros elementos que destacaram-se foram os brises camarões e a cobertura, ambos metálicos, que auxiliam no controle solar dos ambientes internos de forma objetiva como soluções arquitetonicamente harmônicas.

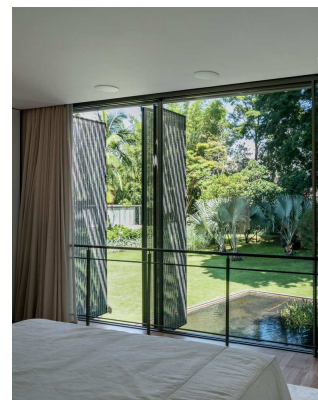


figura 43,44 e 45 | Perspectivas externas e internas.
fonte: andrademorettin.com.br

dwc house
Rob Paulus architects
Tucson, eua | 2015

O principal aspecto do referencial selecionado é a materialidade. A escolha de materiais básicos como aço, madeira, vidro e concreto (através dos blocos), dão uma unicidade ao projeto criando uma atmosfera acolhedora e convidativa.

Além disso, a cobertura possui um beiral prolongado, auxiliando no controle solar e proporcionando um resultado plástico mais interessante para a volumetria final do projeto.



figura 46,47 e 48 | Perspectivas externas e internas.
fonte: archdaily.com

mom I museu do olho

Oscar Niemeyer
Paraná, BR | 2002

Devido à topografia acentuada do terreno escolhido, alguns ambientes ficaram abaixo do nível natural do terreno, desta forma buscou-se como solução arquitetônica para a garantia da ventilação e iluminação natural o referencial do Museu do Olho. Por mais que esse não seja utilizado desta forma, possui grande potencial para solução adotada.



figura 49 | Solução arquitetônica para entrada de luz natural.
fonte: do autor.

jardim de Hong Kong I exposição internacional de horticultura de Pequim de 2019

archsd

Yanqing, CN | 2019

O projeto “[...] visa também transcender o material de construção convencional de forma inovadora e que excede suas funções comuns e ainda explorar o valor estético da paisagem e restabelecer a ligação entre a nossa vida diária e a natureza.” (ARCHSD, 2019, s/p)

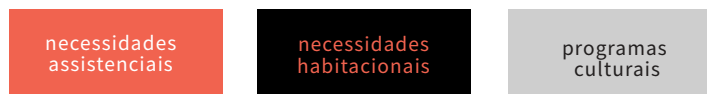
Este referencial foi eleito pela forma de conexão entre a estrutura metálica e a vegetação, sendo possível dar vitalidade à obra arquitetônica, fazendo-a interagir com a natureza. Assim, planos com essa estética, podem ser usados para proporcionar privacidade.



figura 50,51 e 52 | Perspectivas externas e internas.
fonte: archdaily.com

4.3 programa de necessidades

Após análise do referencial Casa 1, ficou clara a necessidade de propor um programa que busque promover, em um único local, o processo de acolhimento, a reestruturação psicológica e a inserção social. Desta forma o projeto, além de abrigar pessoas LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade social, se integrará à comunidade do Monte Serrat, servindo como um equipamento cultural.



A ala de assistência social deverá amparar os acolhidos através de apoio social, jurídico, psicológico e médico para a reestruturação individual, podendo também atender as demandas comunitárias, uma vez que o projeto deverá ser pensado tanto para o acolhido como para a comunidade.

A ala habitacional deverá conter dormitórios, espaços de convivências e serviços como cozinha e lavanderia, de forma compartilhada, promovendo a socialização entre os indivíduos. A ideia é que os próprios residentes promovam os cuidados domésticos do centro de acolhimento, promovendo uma espécie de pertencimento ao local. Assim, não foi estipulado um tempo máximo de estadia no centro de acolhimento, uma vez que cada indivíduo possui necessidades diferentes.

A parte cultural abrigará salas multiuso, espaços que deverão assegurar cursos profissionalizantes e palestras sendo responsável pela inserção social dos indivíduos com a comunidade e a inserção de ambos no mercado de trabalho.

Desta forma, a ideia é que sejam ofertadas oficinas de diferentes tipos e que estas possam ser realizadas pelo maior número de pessoas de diferentes faixas etárias. Alguns exemplos de oficinas seriam para artes (canto, bordado, pintura, costura, entre outras); dança (expressão corporal, ritmos, entre outras); ginástica (luta, defesa pessoal, yoga, entre outras); línguas (inglês, espanhol, entre outras); cursos preparatórios para vestibulares; confecção de fantasias carnavalescas fazendo conexão com a escola de samba Copa Lord que representa a comunidade. Cursos profissionalizantes de turismo, informática, estética e outros.

função	ambiente	quantidade	área m ²
assistencial	assistência jurídica	1	20
assistencial	assistência psicológica	1	20
assistencial	assistência médica/saúde	1	20
assistencial	assistência social	1	20
habitacional	dormitórios (4 pessoas)	6	20
habitacional	banheiros	1/dormitório	4
habitacional	refeitório	1	30
habitacional	cozinha	1	30
habitacional	espaço de convivência	1	30
habitacional	lavanderia	1	20
cultural	salas multiuso	5	20
serviço	recepção	2	15
serviço	administração	2	15
serviço	copa	1	15
serviço	lavabo	2	4
serviço	depósito	2	4

figura 53 | Programa de necessidades
fonte: do autor

4.4 diretrizes

De acordo com o programa de necessidades, o projeto foi setorizado em três diferentes funções: assistência, acolhimento e cultura. Desta maneira, para reduzir o impacto da construção na paisagem foram criados três pavilhões lineares dispostos ao longo das curvas de nível.

Quanto à implantação, buscou-se conectar as ruas General Nestor Passos e General Vieira da Rosa, criando um novo eixo de circulação, fazendo com que as pessoas transitem pelo equipamento.

As principais fachadas do projeto serão dispostas para Norte e Sul, aproveitando a maior incidência do sol.

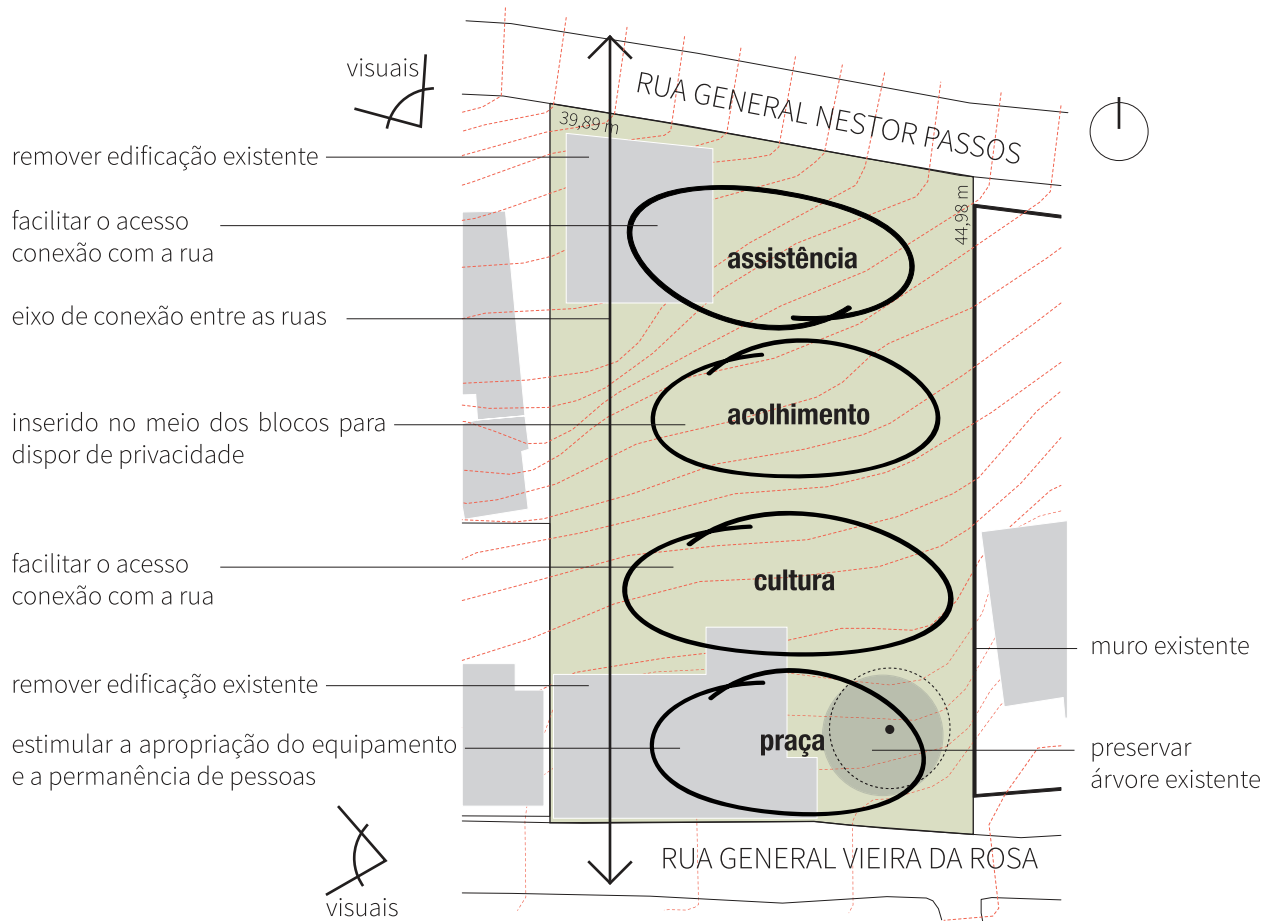
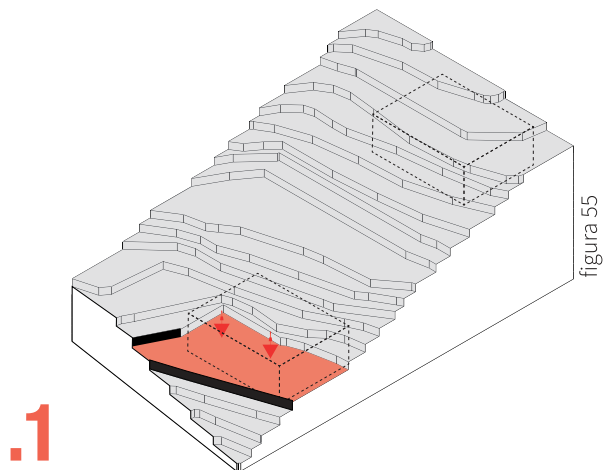


figura 54 | Mapa de diretrizes.
fonte: do autor

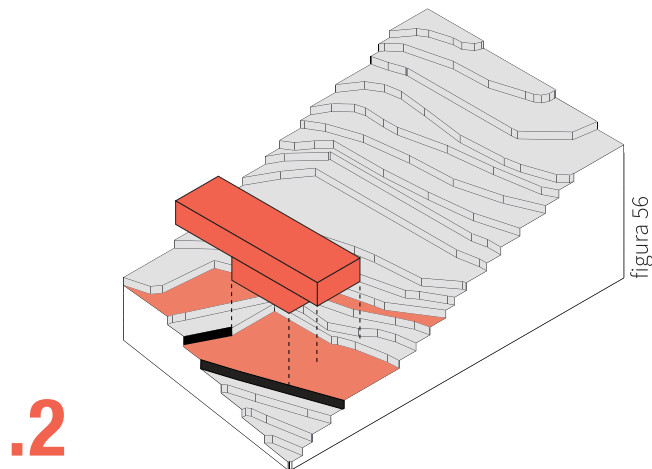
4.5 evolução da proposta



Primeiro foram removidas duas edificações que iriam impossibilitar a execução da proposta.

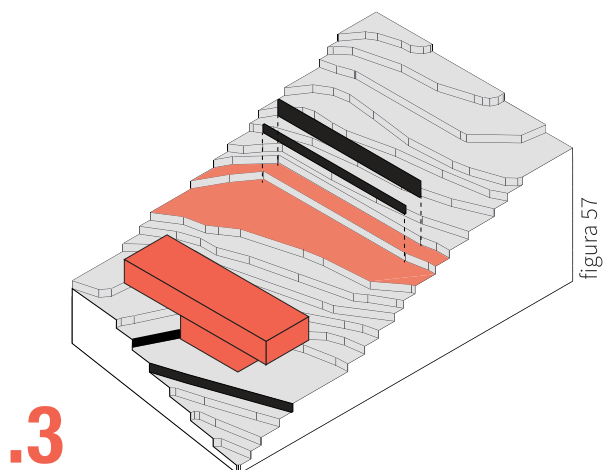
Um dos principais desafios para a implantação do equipamento foi respeitar ao máximo o perfil natural do terreno existente, para evitar o transporte em massa de terra e aproveitar o desnível como partido do projeto. Assim, foram realizados aterros em alguns níveis, a fim de implantar alguns blocos.

Desta forma, um dos acessos ao projeto dá-se pela rua General Nestor Passos (nv.4), realizado através de platô e muros de arrimo.



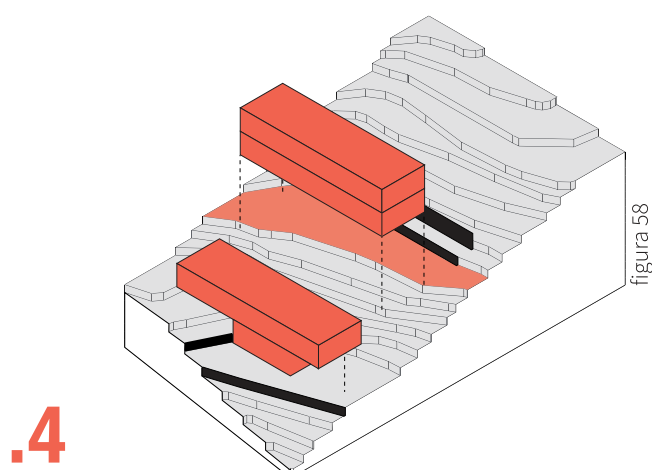
Durante os estudos de implantação, foi decidido que o pavilhão assistencial faria conexão direta com a rua, facilitando o acesso da população em usufruir das atividades dispostas. Assim, disposto nos níveis 4 e 7, a estrutura conta com partes administrativas e recepção no térreo, e toda parte assistencial, com salas individuais, na parte superior.

A cobertura foi transformada em um espaço de lazer, fazendo conexão ao centro de acolhimento Darcy Vitória de Brito.



Foram executados platôs nos níveis 10 e 11, através de muros de arrimos, para que se criasse um espaço de horta.

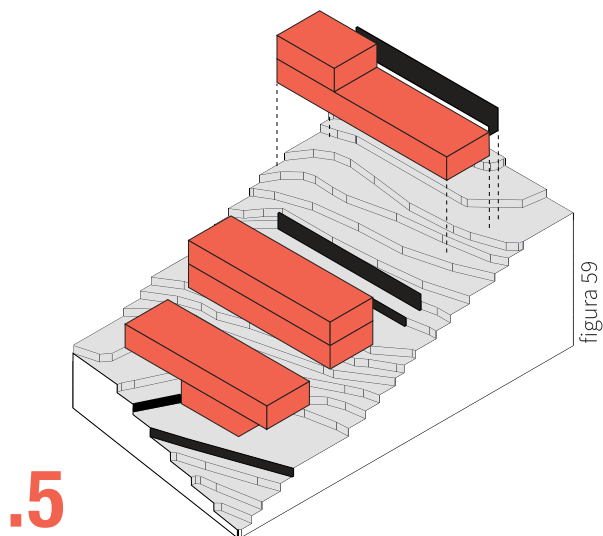
Este espaço foi pensado para a reabilitação e integração social dos indivíduos, através do conceito de hortas terapêuticas, um método de tratamento não medicamentoso, visando a melhorar os aspectos físicos, biológicos, psicológicos e sociais dos usuários.



O pavilhão habitacional está implantado no nível 10. O bloco inferior possui um quarto pne, e os ambientes sociais e de serviço, como cozinha integrada ao refeitório, lavanderia e espaço de estar. A ideia é que os próprios residentes promovam os cuidados domésticos do centro de acolhimento, promovendo uma espécie de pertencimento ao local. Ao todo, podem ser acolhidas 25 pessoas.

O bloco superior é destinado aos dormitórios, cada um possibilita a estadia de até quatro pessoas, através de dois beliches. O banheiro possui suas funções fragmentadas, lavatório, vaso e chuveiro, possibilitando que mais de um usuário utilize a instalação ao mesmo tempo.

Para valorizar ao máximo a relação com o exterior, os dormitórios possuem guarda-corpos no limite dos quartos, ampliando o ambiente. E para controle solar a utilização de brise camarão. Para garantir privacidade dos indivíduos acolhidos com os demais usuários do equipamento, foi pensado em uma estrutura metálica, que através de gradis possa criar uma parede verde.

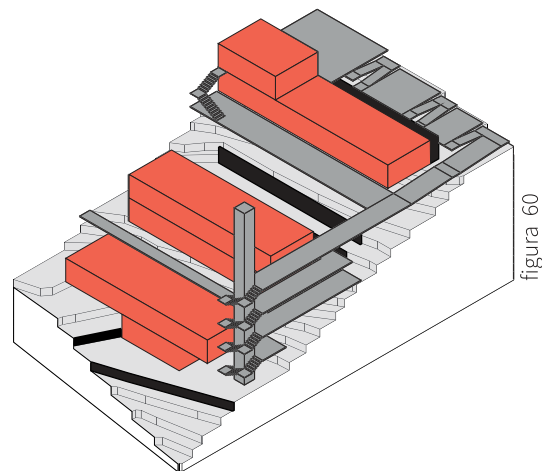


O pavilhão cultural implantado no nível 16, foi locado na rua General Vieira da Rosa para facilitar o acesso da comunidade, já que esta rua encontra-se em menor alicie.

Este bloco será responsável pelas salas multiuso, espaços que deverão assegurar cursos profissionalizantes, palestras e oficinas voltados para os acolhidos e a comunidade. As cinco salas possuem fechamento retrátil possibilitando a ampliação dos ambientes caso seja necessário.

O acesso do nível 16 para o nível 19 foi garantido através de uma escada interna à edificação e uma rampa externa.

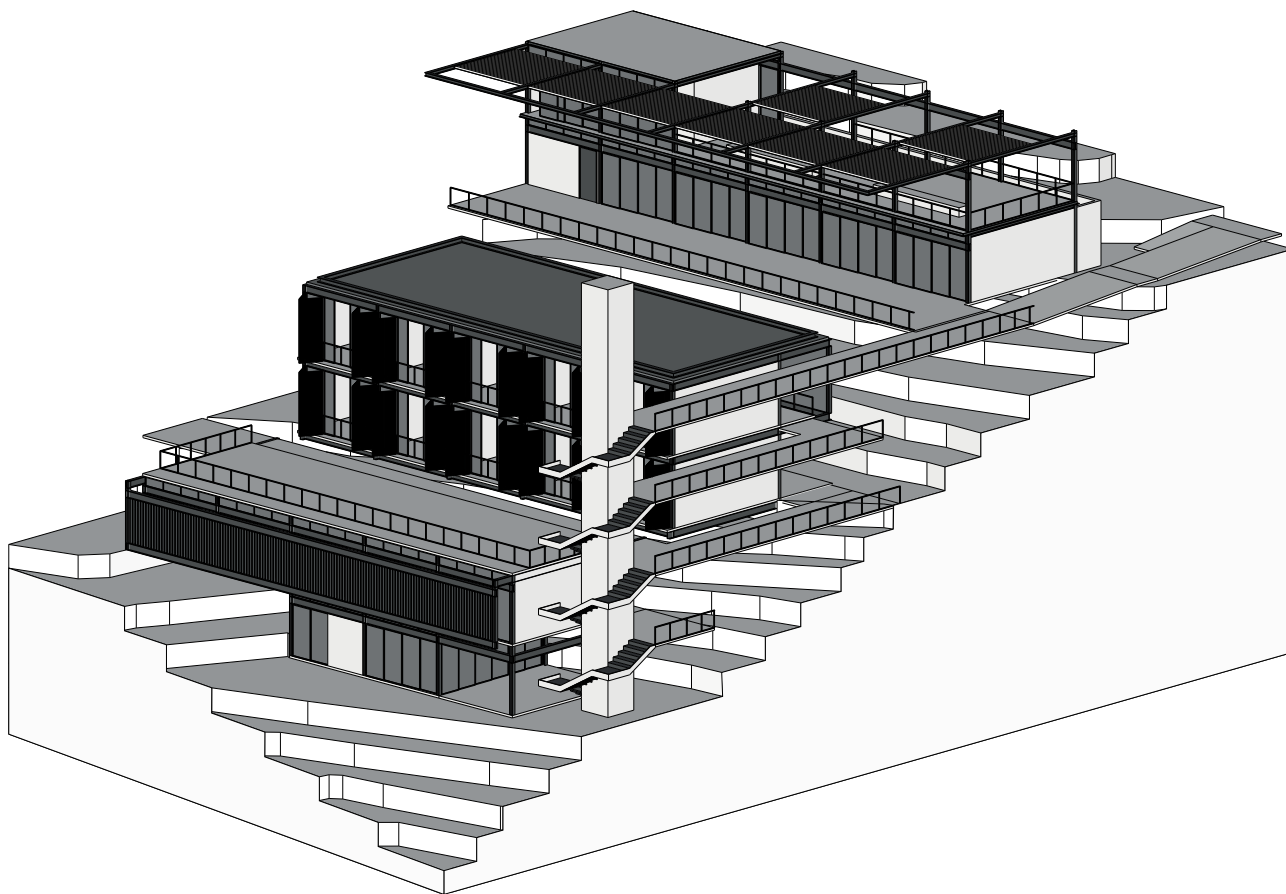
O bloco assentado no nível 19 dispõe, na sua maior parte, de uma área de lazer aberta para que o projeto não criasse uma barreira em relação à vista. Deste modo, foi inserido apenas um pequeno bloco responsável pela recepção e administração voltadas ao pavilhão cultural, aproveitando a empena cega gerada pela casa de acolhimento Darcy Vitória de Brito.



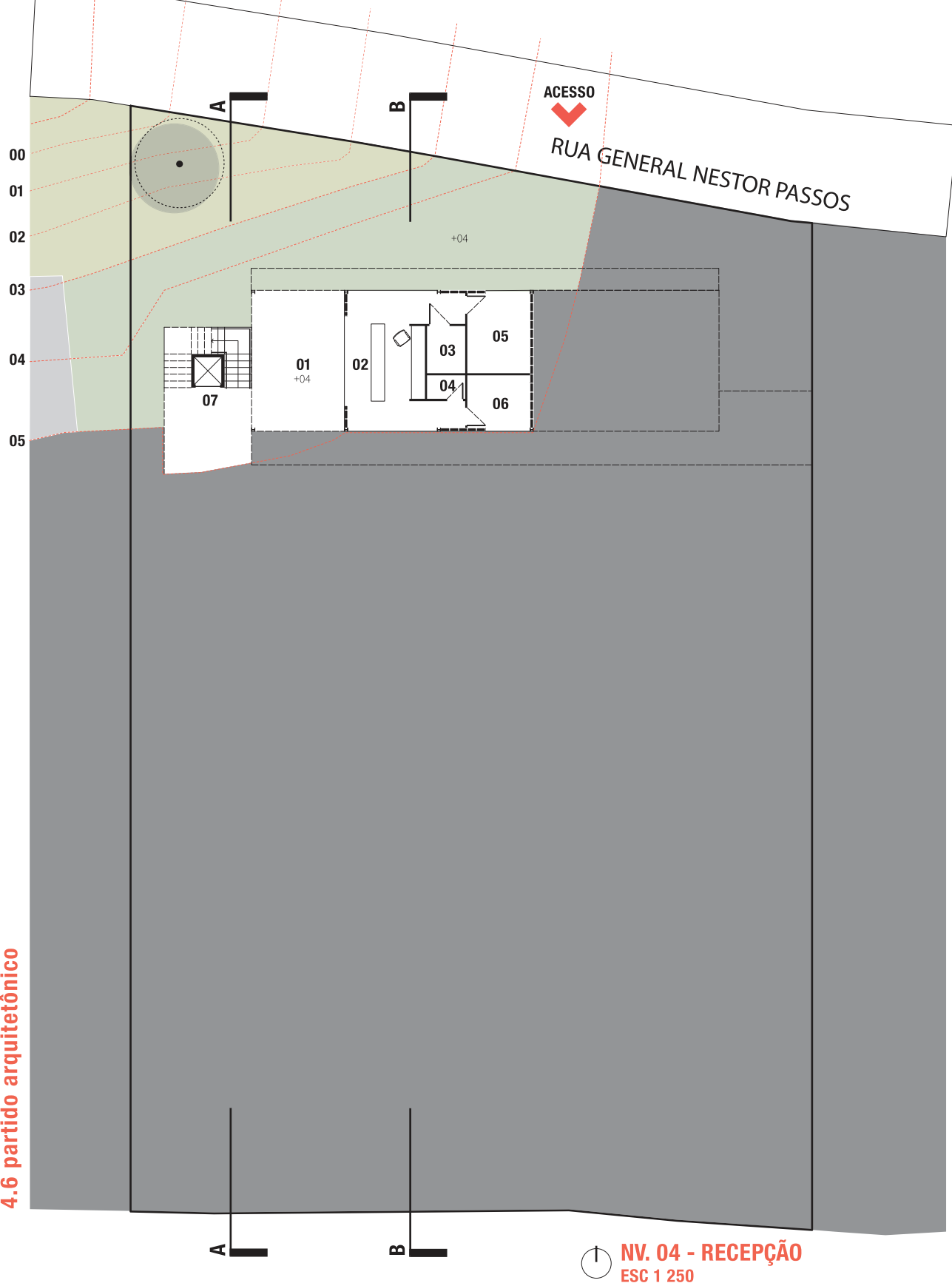
No acesso da rua General Vieira da Rosa foi inserido uma pequena praça, privilegiando os pedestres e a permanência das pessoas. Para sua implantação, foi considerada a árvore existente no terreno e o desnível de 3 metros que acompanham a rua. Assim, foi projetada uma rampa criando espaços de lazer entre elas e garantindo acessibilidade através dos níveis.

Para garantir a acessibilidade global do projeto, foi inserido um elevador que faz conexão entre as ruas General Nestor Passos e General Vieira da Rosa.

O elevador é também responsável pela conexão entre os pavilhões através de passarelas. Essas, ao mesmo tempo em que acabam tornando-se mirantes, são também espaços de vivências e encontros. Estes espaços são estruturadores da dinâmica do edifício e podem também tornar-se estruturadores da comunidade.

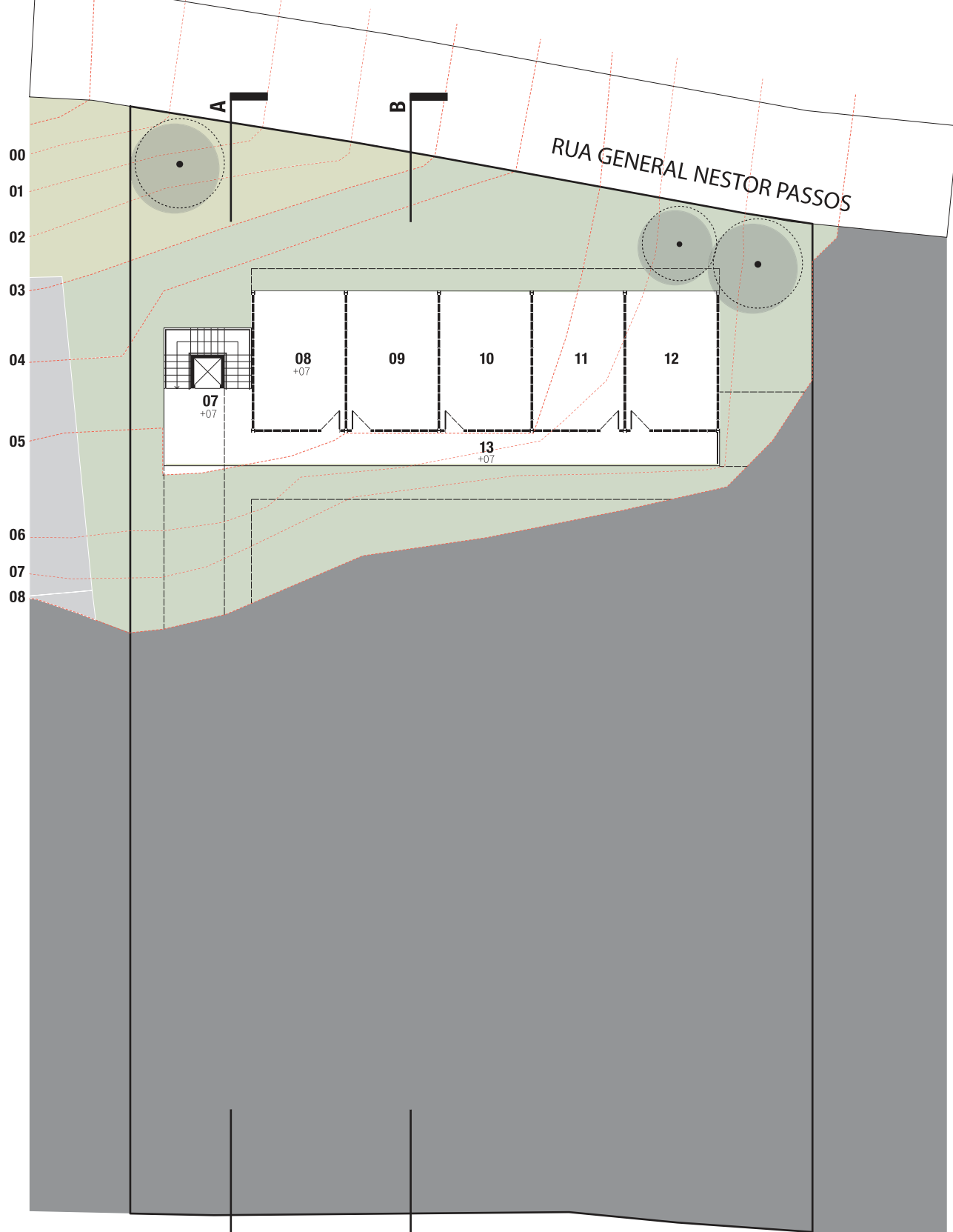


figuras 61 | Perspectiva geral da proposta
fonte: o autor.



01_ ÁREA EXTERNA COBERTA
02_ RECEPÇÃO PAVILHÃO ASSISTENCIAL
03_ BANHEIRO PNE
04_ DML
05_ ADMINISTRAÇÃO
06_ COPA
07_ PASSARELA
08_ SALA DE REUNIÃO
09_ ASSISTÊNCIA PSICOLÓGICA
10_ ASSISTÊNCIA MÉDICA/SAÚDE
11_ ASSISTÊNCIA SOCIAL
12_ ASSISTÊNCIA JURÍDICA
13_ CIRC. PRIVADA PARA ATENDIMENTOS
14_ TERRAÇO
15_ LAVANDERIA
16_ COZINHA
17_ REFEITÓRIO
18_ SALA DE CONVIVÊNCIA

19_ QUARTO
20_ BANHEIRO
21_ QUARTO PNE
22_ BANHEIRO ACESSÍVEL
23_ CIRCULAÇÃO EXTERNA
24_ HORTA
25_ TERRAÇO VERDE
26_ BRISES VERTICAIS
27_ SALAS MULTIUSO
28_ BANHEIRO AGÊNERO
29_ VAZIO
30_ ESCADA
31_ ÁREA DE LAZER EXTERNA
32_ ADMINISTRAÇÃO INTERNA
33_ ACESSO N. 19
34_ ACESSO N. 18
35_ ACESSO N. 17



NV. 07 - PAVTO. ASSISTENCIAL
ESC 1 250

01_ ÁREA EXTERNA COBERTA	19_ QUARTO
02_ RECEPÇÃO PAVILHÃO ASSISTENCIAL	20_ BANHEIRO
03_ BANHEIRO PNE	21_ QUARTO PNE
04_ DML	22_ BANHEIRO ACESSÍVEL
05_ ADMINISTRAÇÃO	23_ CIRCULAÇÃO EXTERNA
06_ COPA	24_ HORTA
07_ PASSARELA	25_ TERRAÇO VERDE
08_ SALA DE REUNIÃO	26_ BRISES VERTICAIS
09_ ASSISTÊNCIA PSICOLÓGICA	27_ SALAS MULTIUSO
10_ ASSISTÊNCIA MÉDICA/SAÚDE	28_ BANHEIRO AGÊNERO
11_ ASSISTÊNCIA SOCIAL	29_ VAZIO
12_ ASSISTÊNCIA JURÍDICA	30_ ESCADA
13_ CIRC. PRIVADA PARA ATENDIMENTOS	31_ ÁREA DE LAZER EXTERNA
14_ TERRAÇO	32_ ADMINISTRAÇÃO INTERNA
15_ LAVANDERIA	33_ ACESSO N. 19
16_ COZINHA	34_ ACESSO N. 18
17_ REFEITÓRIO	35_ ACESSO N. 17
18_ SALA DE CONVIVÊNCIA	

00
01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11

A

B

RUA GENERAL NESTOR PASSOS

07

26

25

14

+10

16

17

18

+10

19

21

15

20

22

23

+10

24

+10

A

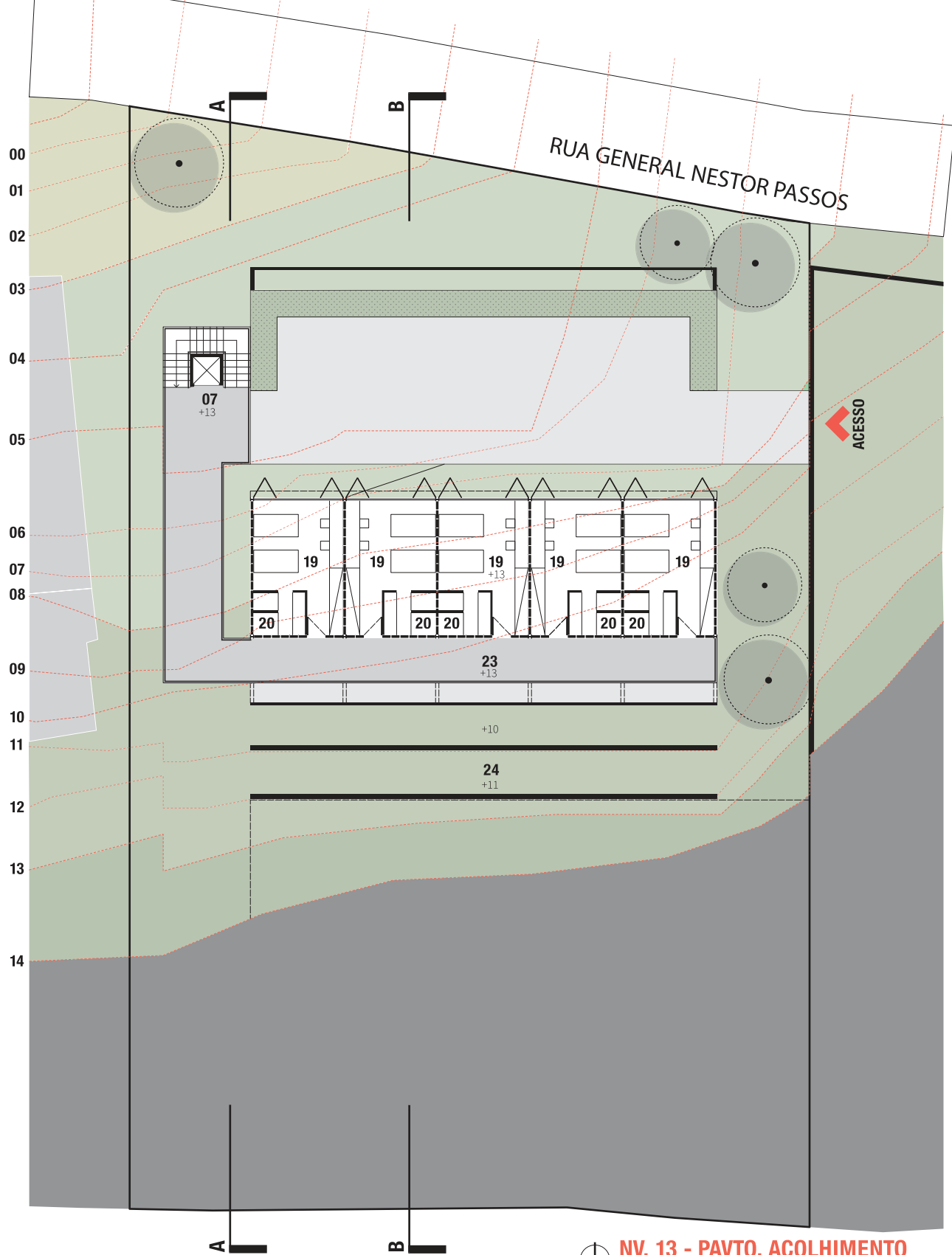
B



NV. 10 - PAVTO. ACOLHIMENTO
ESC 1 250

01_ ÁREA EXTERNA COBERTA
02_ RECEPÇÃO PAVILHÃO ASSISTENCIAL
03_ BANHEIRO PNE
04_ DML
05_ ADMINISTRAÇÃO
06_ COPA
07_ PASSARELA
08_ SALA DE REUNIÃO
09_ ASSISTÊNCIA PSICOLÓGICA
10_ ASSISTÊNCIA MÉDICA/SAÚDE
11_ ASSISTÊNCIA SOCIAL
12_ ASSISTÊNCIA JURÍDICA
13_ CIRC. PRIVADA PARA ATENDIMENTOS
14_ TERRAÇO
15_ LAVANDERIA
16_ COZINHA
17_ REFEITÓRIO
18_ SALA DE CONVIVÊNCIA

19_ QUARTO
20_ BANHEIRO
21_ QUARTO PNE
22_ BANHEIRO ACESSÍVEL
23_ CIRCULAÇÃO EXTERNA
24_ HORTA
25_ TERRAÇO VERDE
26_ BRISES VERTICAIS
27_ SALAS MULTIUSO
28_ BANHEIRO AGÊNERO
29_ VAZIO
30_ ESCADA
31_ ÁREA DE LAZER EXTERNA
32_ ADMINISTRAÇÃO INTERNA
33_ ACESSO N. 19
34_ ACESSO N. 18
35_ ACESSO N. 17



NV. 13 - PAVTO. ACOLHIMENTO
ESC 1 250

01_ ÁREA EXTERNA COBERTA	19_ QUARTO
02_ RECEPÇÃO PAVILHÃO ASSISTENCIAL	20_ BANHEIRO
03_ BANHEIRO PNE	21_ QUARTO PNE
04_ DML	22_ BANHEIRO ACESSÍVEL
05_ ADMINISTRAÇÃO	23_ CIRCULAÇÃO EXTERNA
06_ COPA	24_ HORTA
07_ PASSARELA	25_ TERRAÇO VERDE
08_ SALA DE REUNIÃO	26_ BRISES VERTICAIS
09_ ASSISTÊNCIA PSICOLÓGICA	27_ SALAS MULTIUSO
10_ ASSISTÊNCIA MÉDICA/SAÚDE	28_ BANHEIRO AGÊNERO
11_ ASSISTÊNCIA SOCIAL	29_ VAZIO
12_ ASSISTÊNCIA JURÍDICA	30_ ESCADA
13_ CIRC. PRIVADA PARA ATENDIMENTOS	31_ ÁREA DE LAZER EXTERNA
14_ TERRAÇO	32_ ADMINISTRAÇÃO INTERNA
15_ LAVANDERIA	33_ ACESSO N. 19
16_ COZINHA	34_ ACESSO N. 18
17_ REFEITÓRIO	35_ ACESSO N. 17
18_ SALA DE CONVIVÊNCIA	

00
01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16

RUA GENERAL NESTOR PASSOS

A

B

07
+16

25
+16

30

+16

27

27

27
+16

27

27

28

29

A

B



NV. 16 - PAVTO. CULTURAL
ESC 1 250

00
01
02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12
13
14
15
16

RUA GENERAL NESTOR PASSOS

A

B

07

25
+16

30

+16

31
+19

32

03

33

+19

04

29

35
+17

35
+18

33
+19

ACESSO

ACESSO

ACESSO

A

B

RUA GENERAL VIERA DA ROSA

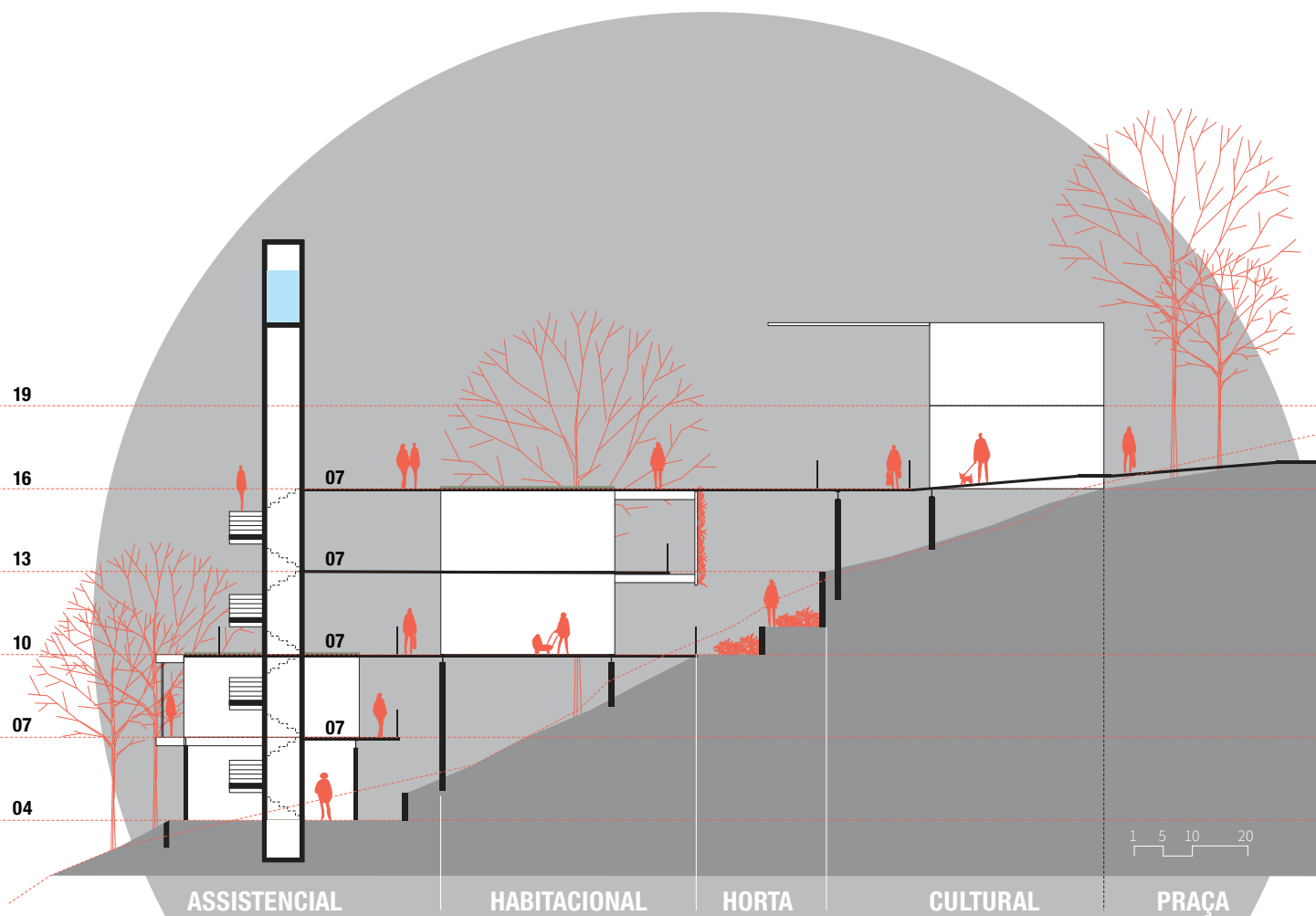


NV. 19 - PAVTO. CULTURAL
ESC 1 250

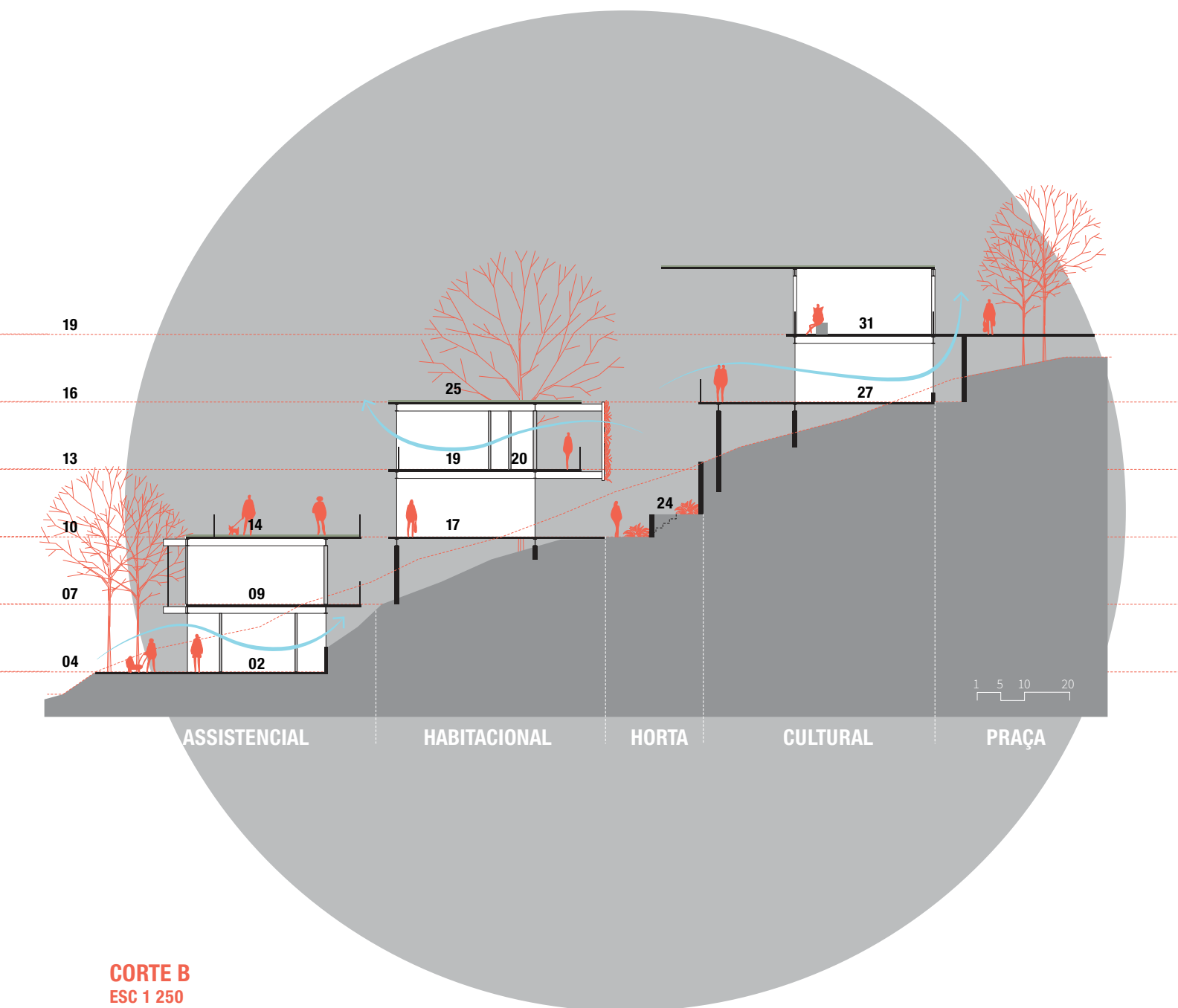
17

18

19



CORTE A
ESC 1 250



4.7 materialidade e sistema construtivo

Quanto à materialidade, foram utilizados poucos materiais, como pedra, vidro, madeira, aço e concreto. Estes serão utilizados na sua forma natural, evitando materiais que imitam outros.

A arquitetura se baseia em uma construção leve, hora elevada do solo sobre pilares de aço hora enterrada no terreno. Os pavilhões são volumetrias dispostas de maneira organizada, porém de baixo gabarito, propositalmente para que não destoem do contexto inserido.

Levando em conta a necessidade do equipamento na comunidade, foi adotado como sistema construtivo, pilares e vigas de aço e lajes steel deck, que permitem uma rápida execução e geram menos resíduos. Os três pavilhões possuem a mesma modulação, 4 x 6 m, obedecendo a modulação dos blocos de concreto (40 x 20 cm).

A ideia de usar o bloco de concreto modulado aparente como vedação foi buscar, de certa forma, uma familiaridade da comunidade com a arquitetura, não a descaracterizando do entorno e, dessa forma, criando um espaço convidativo no qual as pessoas sintam-se conectadas.

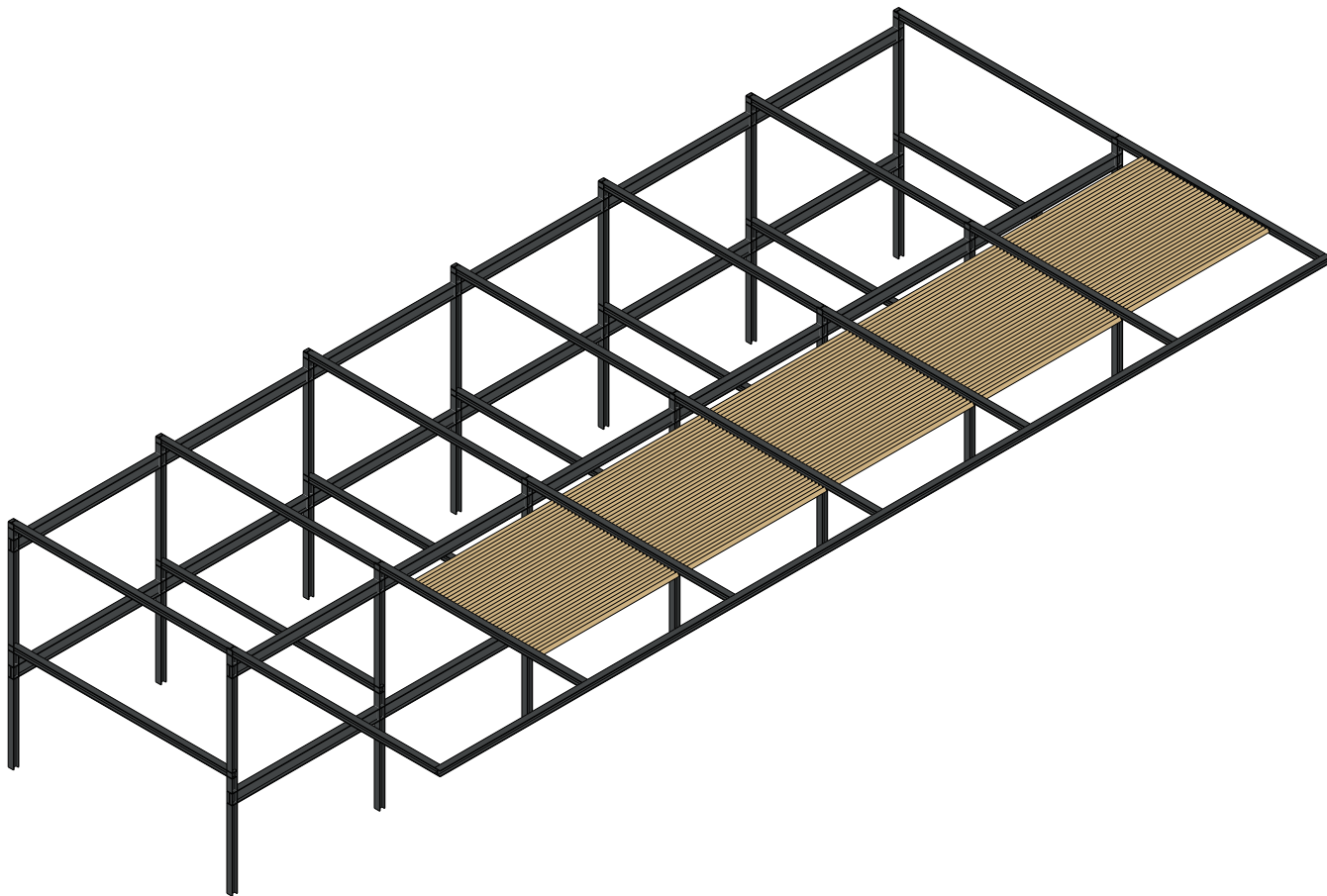


figura 63 | Esquema estrutural.
 fonte: o autor.

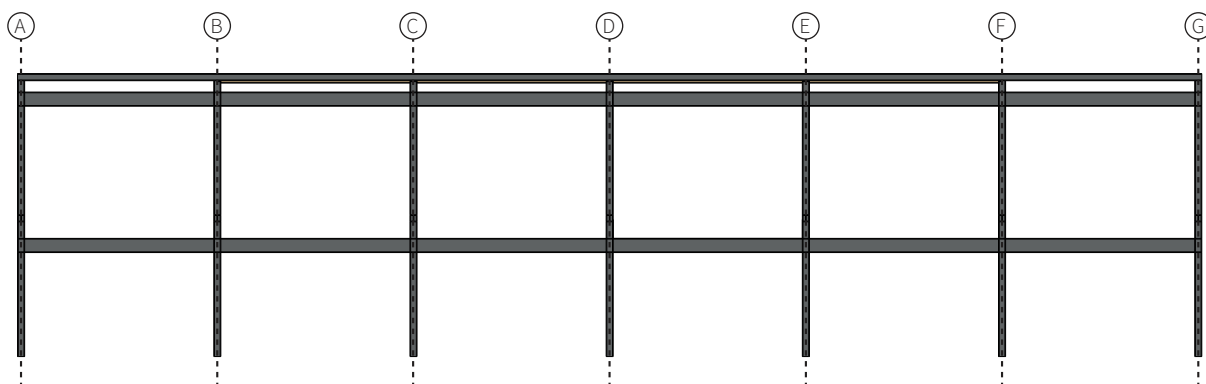


figura 64 | Eixos estruturais .
 fonte: o autor.

5

| CONSIDERA- ÇÕES FINAIS

Através do conjunto de estudos realizados foi possível entender à vulnerabilidade social da população LGBTQIA+ quanto à restrição de seus direitos.

A partir da eminente necessidade de políticas públicas voltadas para esse grupo, foi proposto o “SOMOS - centro de acolhimento LGBTQIA+”, buscando atrelar o processo de acolhimento de LGBTs em vulnerabilidade social, através de reestruturação psicológica e a inserção social. Estas foram medidas definidas no processo projetual, após entender a arquitetura como ferramenta no processo de democratização.

O centro de acolhimento buscou a integração da comunidade do Monte Serrat através da criação de espaços multidisciplinares.

A proposta tende a ser aprofundada no desenvolvimento deste TCCII através de estudo preliminar.

6

| REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vinicius Santos. As Espacialidades Homossexuais Masculinas Como Constituidoras da Urbanidade: Análise comparativa entre São Paulo e Paris. 144f. Monografia (Graduação) – Curso de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.tcc.sc.usp.br/tce/disponiveis/8/8021104/tce-07062017-190505/?&lang=br>>. Acesso em: 01 out. 2019.

ANDRADE, Tiago Souza Monteiro de. O Relacionamento Homoerótico na Grécia Antiga: uma prática pedagógica. Faces da História, Assis – SP, v.4, n.2, p. 58-72, 2017. Faculdade de Presidente Prudente, São Paulo, 2017.

ANJOS, Priscila Oliveira dos. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE DEPARTAMENTO DE JORNALISMO. 2016. 33 f. Tese (Doutorado) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/164642/PriscilaDosAnjos_Relat%c3%b3rioProjetoExperimental.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 27 out. 2019.

BOMFIM, Silvano Andrade do. Homossexualidade, Direito e Religião: da pena de morte à união estável. A criminalização da homofobia e seus reflexos na liberdade religiosa. Revista Brasileira de Direito Constitucional, RBDC n.18, jul-dez 2011. Disponível em: <<http://www.esdc.com.br/seer/index.php/rbdc/article/view/259>>. Acesso em: 23 ago. 2019.

BORRILLO, Daniel. Homofobia: História e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 141 p.

CAMPOS, Dalvan Antonio de; MORETTI-PIRES, Rodrigo Otávio. Trajetórias sociais de gays e lésbicas moradores de rua de Florianópolis (SC), 2016. Revista Estudos Feministas, [s.l.], v. 26, n. 2, 11 jun. 2018. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n245995>>. Acesso em: 5 out. 2019.

CORRÊA, Carlos Henrique de Carvalho Silva. Transcaeira: Recontextualizando o Maciço do Morro da Cruz. 56f. TCC (Graduação) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://issuu.com/correa.ch/docs/transcaeira_carloscorrea_caderno_ba>. Acesso em: 10 nov. 2019.

FÁBIO, André Cabette. A trajetória e as conquistas do movimento LGBT brasileiro. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2017/06/17/A-rajete%C3%B3ria-e-as-conquistas-do-movimento-LGBT-brasileiro>>. Acesso em: 26 out. 2019.

FACCHINI, Regina. Histórico da luta de LGBT no Brasil. Disponível em: <http://www.crsp.org.br/portal/comunicacao/cadernos_tematicos/11/frames/fr_historico.aspx>. Acesso em: 20 set. 2019.

FERRARI, Anderson. Revisando o passado e construindo o presente : o movimento gay como espaço educativo. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100010. Acesso em: 12 set. 2019.

FERNANDES, Nathan. Revolta de Stonewall: tudo sobre o levante que deu início ao movimento LGBT+. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2019/06/revolta-de-stonewall-tudo-sobre-o-levante-que-deu-inicio-ao-movimento-lgbt.html>>. Acesso em: 26 out. 2019.

GOHN, Maria da Glória. 500 Anos de Lutas Sociais no Brasil: Movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. Revista Mediações – Revista de Ciências Sociais, Londrina, v.5, n.1, p. 11-40, jan/jun 2000. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9194/7788>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

GOMES, Juliana. Com parceria público-privada, Praça do Monte Serrat, em Florianópolis, é inaugurada. 2019. Disponível em: <https://www.nsc-total.com.br/noticias/com-parceria-publico-privada-praca-do-monte-serrat-em-florianopolis-e-inaugurada>. Acesso em: 18 set. 2019.

GONZALEZ, Mariana. Casa 1, que acolhe jovens LGBTs expulsos de casa em SP, fechará as portas. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/03/12/-casa-1-que-acolhe-lgbts-expulsos-de-casa-em-sp-fechara-as-portas.htm>. Acesso em: 12 ago. 2019.

LOPÉZ, Rodrigo. Amores homossexuais no século XIX. 2016. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Amores-homossexuais-no-seculo-XIX>. Acesso em: 20 nov. 2019.

MEMÓRIAS DA DITADURA | LGBT+60: Corpos que Resistem #EP6. [s.i]: Projeto #colabora, 2018. P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Jt7PTq1D5RA>>. Acesso em: 26 out. 2019.

MÉMORIAS DA DITADURA. Repressão à comunidade LGBT na ditadura. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/lgbt/>>. Acesso em: 26 out. 2019.

MOLINA, Luana Pagano Peres. A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual. *Antíteses*, [s.l.], v. 4, n. 8, p.949-962, 20 dez. 2011. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5433/1984-3356.2011v4n8p949>>. Acesso em: 11 out. 2019.

PIMENTA, Margareth de Castro Afeche; PIMENTA, Luís Fugazzola. Pobreza e Qualidade de Vida nos Morros Centrais de Florianópolis: A escalada de um distanciamento. *Revista Acta Geográfica (UFRR)*, v.5, p. 47-66, 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5654/acta-geo2011.0509.0004>>. Acesso em: 17 set. 2019.

POMPERMAIER, Paulo Henrique. Principal poeta lírica da Antiguidade, Safo tem obra relançada. 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/principal-poeta-lyrica-da-antiguidade-safo-tem-obra-relancada/>. Acesso em: 15 nov. 2019.

COLABORA, Projeto. LGBT+60: Corpos que Resistem. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tFa4r0CSy3k>. Acesso em: 15 ago. 2019.

RUCHAUD, Guilherme Galdo. A presença do passado na produção da cidade: as narrativas do Monte Serrat, em Florianópolis/SC. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 28, n. 1, p.201-226, 19 jun. 2019.

RUCHAUD, Guilherme Galdo. As Narrativas na Produção da Urbanidade: A experiência histórica do Monte Serrat. III Seminário Nacional Sobre Urbanização de Favelas – URBFAVELAS, Salvador, Bahia, 2018. Disponível em: <<http://www.sisgeenco.com.br/sistema/urbfavelas/anais2018a/ARQUIVOS/GT5-268-81-20180815094443.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

SANTOS, André Luiz. Do mar ao Morro: a geografia histórica da pobreza urbana em Florianópolis. 639 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

TOMÁS, Elaine Dorighello. ANTIGOS E NOVOS OLHARES SOBRE O MACIÇO DO MORRO DA CRUZ: DE NÃO TERRITÓRIO A TERRITÓRIO DO PAC FLORIANÓPOLIS. 2012. 367 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

s o m o s centro de acolhimento LGBTQIA+ em florianópolis

autor luiz henrique pelegriani

orientadora prof^a arlis buhl peres

unisul universidade do sul de santa catarina
curso de arquitetura e urbanismo

trabalho final de graduação
dezembro de 2019